

Cadernos da Comunicação
Série Estudos

Jornalismo Esportivo

Os craques da emoção

Secretaria Especial de Comunicação Social
Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro



Agradecemos a todos os jornalistas e professores que, com seus depoimentos, possibilitaram uma reflexão sobre o jornalismo esportivo no Brasil.

Na iconografia, contamos com a valiosa colaboração do *Jornal dos Sports* e seu arquivo histórico, e do nosso companheiro Alberto Jacob que, gentilmente, cederam fotos para esta edição.

Rio de Janeiro (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social.

Jornalismo esportivo : os craques da emoção / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.— Rio de Janeiro : A Secretaria , 2004. 116 p.: — (Cadernos da Comunicação. Série Estudos; v.11)

ISSN 1676-5494

1.Jornalismo esportivo – Brasil. I. Título.

CDD 079.81

Os *Cadernos da Comunicação* são uma publicação da Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.
Setembro 2004

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Rua Afonso Cavalcanti 455 – bloco 1 – sala 1.372
Cidade Nova
Rio de Janeiro – RJ
CEP 20211-110
e-mail: cadernos@pcrj.rj.gov.br

Todos os direitos desta edição reservados à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Prefeitura.

**Secretaria Especial de Comunicação Social
Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro**

Secretária Especial de Comunicação Social
Ágata Messina

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO
Série Estudos

Comissão Editorial

Ágata Messina
Helena Duque
Leonel Kaz
Regina Stela Braga

Edição

Regina Stela Braga

Redação e pesquisa

Andrea Coelho

Revisão

Alexandre José de Paula Santos

Projeto gráfico e diagramação

Marco Augusto Macedo

Capa

Carlos Amaral/SEPE
Marco Augusto Macedo

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO

Edições anteriores

Série Memória

- 1 - Correio da Manhã – Compromisso com a verdade
- 2 - Rio de Janeiro: As Primeiras Reportagens – Relatos do século XVI
- 3 - O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina
- 4 - Mulheres em Revista – O jornalismo feminino no Brasil
- 5 - Brasília, Capital da Controvérsia – A construção, a mudança e a imprensa
- 6 - O Rádio Educativo no Brasil
- 7 - Última Hora – Uma revolução na imprensa brasileira
- 8 - Verão de 1930-31: Tempo quente nos jornais do Rio
- 9 - Diário Carioca – O máximo de jornal no mínimo de espaço
- 10 - Getulio Vargas e a Imprensa

Série Estudos

- 1 - Para um Manual de Redação do Jornalismo On-Line
- 2 - Reportagem Policial – Realidade e Ficção
- 3 - Fotojornalismo Digital no Brasil – A imagem na imprensa da era pós-fotográfica
- 4 - Jornalismo, Justiça e Verdade
- 5 - Um Olhar Bem-Humorado sobre o Rio nos Anos 20
- 6 - Manual de Radiojornalismo
- 7 - New Journalism – A reportagem como criação literária
- 8 - A Cultura como Notícia no Jornalismo Brasileiro
- 9 - A Imagem da Notícia – O jornalismo no cinema
- 10 - A Indústria dos Quadrinhos

O primeiro jornal, no Brasil, a dedicar parte do seu espaço ao noticiário esportivo não era escrito em português. Tratava-se do *Fanfulla*, dirigido à colônia italiana de São Paulo e, portanto, escrito em italiano. Foi justamente um aviso publicado naquele jornal, convocando os leitores a formar um time de futebol, que deu origem ao *Palestra Italia*, rebatizado de *Palmeiras* na época da II Guerra Mundial.

Em 1928, surgia *A Gazeta Esportiva*, um suplemento do jornal paulista *A Gazeta*. O sucesso junto ao público foi tão grande que acabou se tornando uma publicação independente, com circulação diária. Nos jornais cariocas, o futebol também conseguiu um grande espaço, ainda no tempo em que sequer se imaginava ver esse esporte tão britânico transformado numa paixão nacional. É também na cidade do Rio de Janeiro que ainda se mantém em circulação um dos primeiros jornais exclusivamente dedicados ao noticiário esportivo. Estamos falando do *Jornal do Sports*, fundado em 1930, que passou a ser nacionalmente conhecido como “o cor-de-rosa”, devido à cor das suas páginas.

As crônicas sobre temas relacionados ao futebol representam um capítulo à parte. Algumas, escritas por Mário Filho e Nelson Rodrigues, tornaram-se verdadeiras peças de literatura, usando uma linguagem dramática que transformava os jogadores em mito. A paixão com que escreviam lhes fazia cometer, às vezes, o pecado da imprecisão. Mas o resultado final compensava o pecado.

Os grandes jornais passaram a dedicar ao esporte cada vez mais espaço, até que, no final da década de 60, surgiu uma novidade que veio para ficar: cadernos exclusivamente dedicados ao esporte. A partir daí, pode-se dizer que o país passou a ter uma imprensa esportiva, com profissionais especializados no assunto.

O jornalismo esportivo, hoje, é aprimorado nas faculdades por meio de técnicas que ensinam como apurar e elaborar uma boa reportagem. Mas a paixão continua presente. Este volume dos Cadernos da Comunicação, Série Estudos, apresenta o mundo fascinante do jornalismo esportivo. Profissionais da imprensa escrita, de rádio e de TV, além de professores universitários, falam da tática e da técnica necessárias para chegar ao coração dos torcedores.

Ágata Messina
Secretária de Comunicação Social

“O esporte é o único tipo de entretenimento em que, não importa quantas vezes você o assista, continua sem saber o final.”

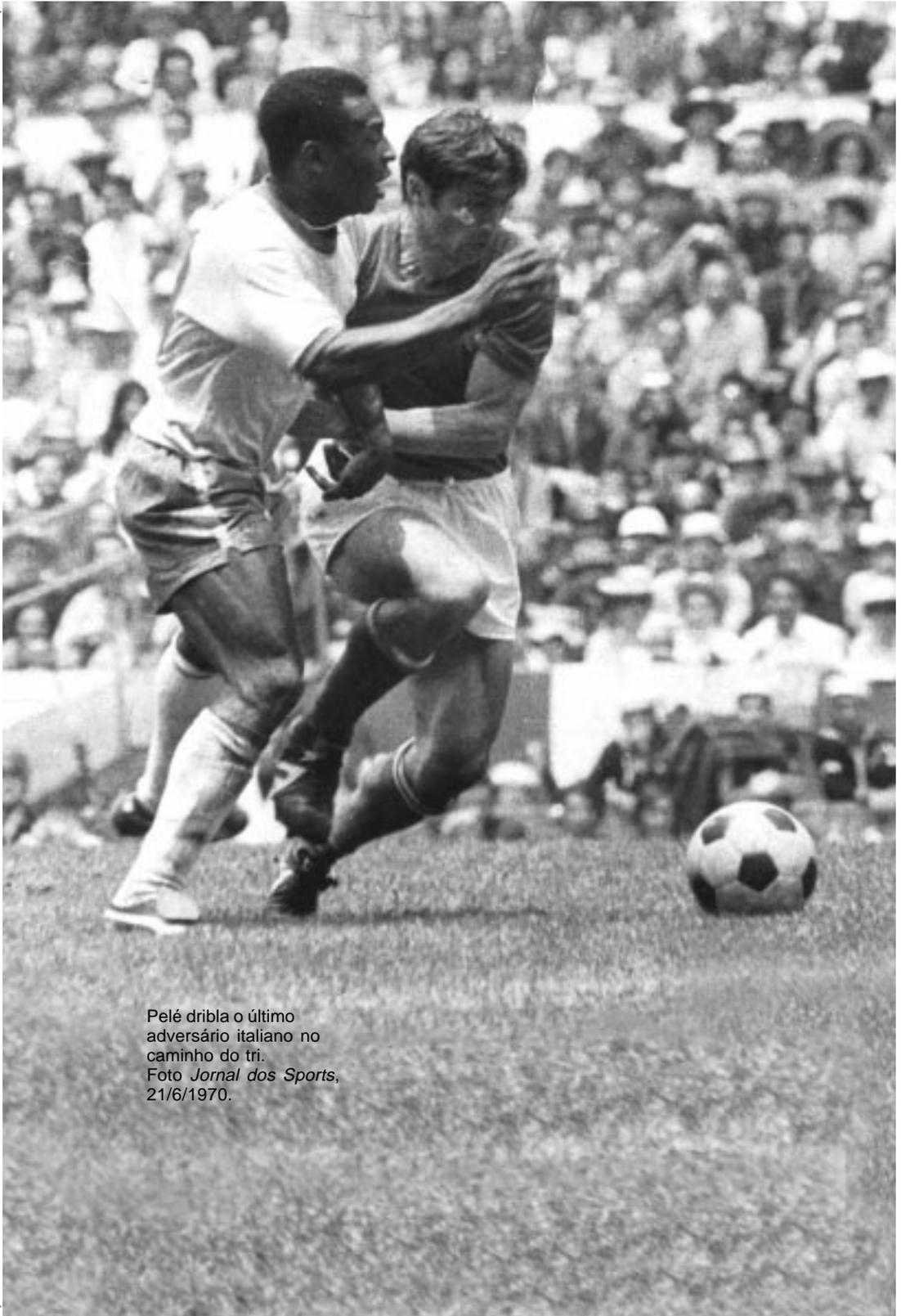
Neil Simon, teatrólogo americano



Sumário

Introdução	9
Entre torcer e distorcer – Juca Kfourí	9
Tática	13
Imprensa Escrita	15
História de paixão – Paulo Vinicius Coelho	15
Um olhar feminino no Jornal dos Sports – Cristina Konder	21
Santiago - Segunda – Mario Filho	27
Aurora dos possessos – Nelson Rodrigues	31
A leitura é o grande Lance! – Roger Garcia	35
Placar - A revista para quem gosta de esporte – Sérgio Xavier	41
O desafio diário de um colunista – Fernando Calazans	47
Rádio e TV	53
O comentarista e a liberdade de expressão – Luiz Mendes	53
O grande show radiofônico – José Carlos Araújo	59
Na mesa-redonda – Sergio du Bocage	65
O poder das imagens – Sérgio Noronha	71
Em busca da emoção perdida – Teixeira Heizer	77
Técnica	83
Pequeno manual da reportagem esportiva	
– Luciano Victor Barros Maluly	85
Introdução	85
Pesquisa	89
Entrevista	92
Seleção de dados e elaboração do texto	103
Como compreender a arte de Daiane dos Santos?	
– Wilton Garcia	111





Pelé dribla o último
adversário italiano no
caminho do tri.
Foto *Jornal dos Sports*,
21/6/1970.

INTRODUÇÃO

ENTRE TORCER E DISTORCER

Quando se cobre uma Olimpíada ou uma Copa do Mundo, é preciso ter bem claro que ambas são festas esportivas, não guerras.

Juca Kfourri*

A recente cobertura dos Jogos Olímpicos revelou todas as virtudes e algumas das mazelas da imprensa esportiva brasileira. Em regra, o comportamento da imprensa escrita ganha de goleada, muito mais crítica e aprofundada. Já a postura das TVs deixa a desejar, com as exceções de praxe.

O jornalista esportivo brasileiro dos meios eletrônicos vive a permanente ambigüidade entre torcer e informar. É natural, diga-se desde logo, que haja a priorização das competições que tenham atletas brasileiros e que as narrações assumam um tom nacionalista. Mas há limites e nem sempre estes são obedecidos. É a velha contradição entre torcer e distorcer.

Quando se cobre uma Olimpíada ou uma Copa do Mundo, é preciso ter bem claro que ambas são festas esportivas, não guerras. Se nas guerras a primeira derrotada é sempre a verdade, no esporte nada justifica a repetição do mesmo fenômeno. Jornalistas que saem do seu país para um evento esportivo internacional têm apenas um compromisso: com o leitor, com o telespectador, com o ouvinte.

É claro que é compreensível o tom emocional das transmissões, embora os exageros sejam demasiados, o que exacerba vitórias que, por um lado, não falam muito ao coração do torcedor e, por outro, aumentam a frustração por derrotas absolutamente normais. Até mesmo quando a conquista é valiosa por si mesma, a tendência é

no sentido de torná-la ainda maior, como no caso da medalha de ouro do vôlei masculino.

Houve quem dissesse que a final contra a Itália era a decisão mais esperada dos Jogos, uma bobagem sem tamanho diante da incomparável popularidade do futebol e do basquete. No afã de dourar uma façanha que já estava suficientemente banhada em ouro, até dizer que o jogo encerrava as competições coletivas em Atenas houve quem dissesse. Outra bobagem, porque tanto o handebol quanto o pólo aquático foram decididos depois da magnífica vitória brasileira sobre os italianos.

O exagero leva às contradições. Por exemplo: exalta-se um quinto lugar de uma nadadora brasileira com a mesma sem-cerimônia com que, ao se comentar uma medalha de prata de uma atleta estrangeira que era favorita ao ouro, alguém diz que “fulana ficou só (o grifo é meu) com a prata”.

Jornalistas não podem assumir o papel de vendedores de ilusão e é necessário que fique bem clara a fronteira entre o esporte tratado como entretenimento (a hora do jogo, do evento) e a cobertura jornalística do mesmo momento. Já bastam aqueles que assumiram o figurino de garotos-propaganda e transformaram a programação dominical em verdadeiros bazares que vendem de cerveja a palha de aço, num atropelo sem fim à ética e aos bons costumes, algo impensável em países mais avançados, nos quais o jornalista que fizer propaganda é, imediatamente, alijado do sindicato da categoria.

Voltando ao ufanismo de plantão, entre a constatação, irrefutável, de que o esporte brasileiro bateu seu recorde de medalhas de ouro (quatro em Atenas, contra três de Atlanta oito anos atrás), o jornalismo sério não pode permitir que se confunda o significado de tal marca, absolutamente insuficiente diante do tamanho da popula-

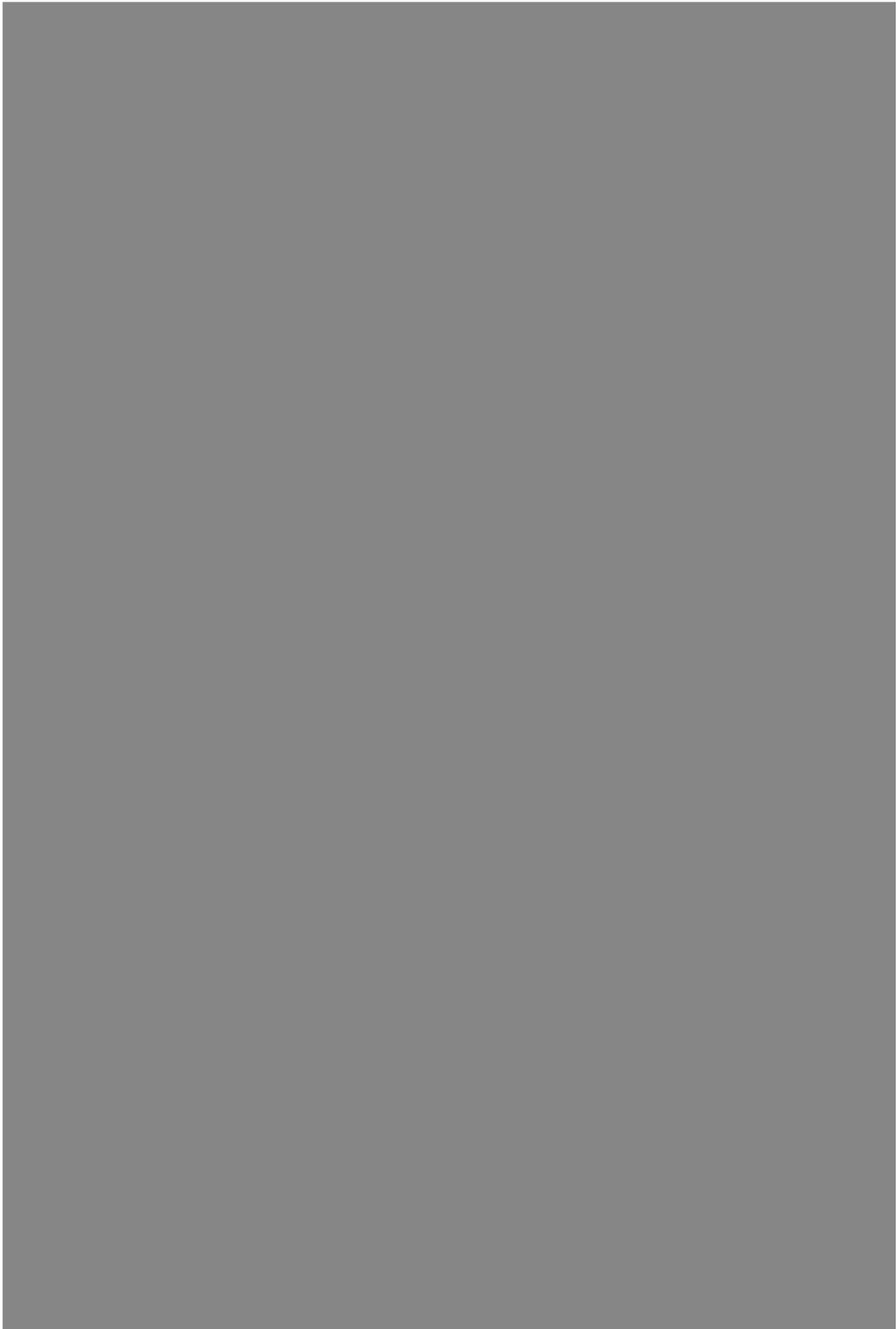


ção brasileira, do tamanho da delegação brasileira na Grécia e do investimento de dinheiro público e das estatais no esporte. Mostrar a fragilidade do resultado e cobrar por mais eficácia é o papel que, em regra, o jornalismo impresso tem desempenhado, contra a exaltação eletrônica pura e simples de uma verdade que encobre uma porção de mentiras.

Sim, o show precisa continuar, mas o jornalista não é nem artista nem ilusionista, precisa se preocupar em jogar luz sobre os fatos, por mais que a cobertura esportiva seja contaminada, necessariamente, pela emoção que desperta. Entre a euforia e a depressão há um espaço enorme, exatamente o que permite o exercício do bom jornalismo.

(*) Juca Kfoury é colunista do diário *Lance!*, comanda o programa semanal *Cartão Verde*, na Rede Cultura de Televisão e, diariamente, o *CBN Esporte Clube*, na rádio CBN.







BRITISH

AI! AI! AI!...
BRASILEIROS!
FUTEBOL É SOLA NA REDE!
Chutem em gol e mais pessoal!
Já vencemos a Suécia e a Espanha!
VENCEREMOS O URUGUAI!

Amanhã, batalha final! Venceremos o URUGUAI!

MUITO OBRIGADO, LEITORES!
DA EDIÇÃO DE ONTEM FORAM VENDIDOS
190.651 EXEMPLARES
RECORDE!
Digo corriqueiramente: "DEAT - Isto sim é que é jornal!"



No estádio Maracanã, Brasil e Uruguai polejam amanhã pelo maior título — Uma pugna em que a velocidade dos craques empolgará a torcida

Amã, amã, amã... amanhã, no estádio Maracanã, o Brasil e o Uruguai disputarão a final da Copa do Mundo. A partida promete ser emocionante, com craques de ambos os lados. A torcida brasileira está muito animada e acredita na vitória. O Uruguai também tem jogadores de grande nível. Será uma batalha muito disputada.



© BRASILEIRO — "Mano e Mano" companheiros! Você venceu em 30 e eu vou vencer em 1950!
© URUGUAI — "Está gostando você?"

A FÉTIMA DO ANIMADO
A fétima do animado é a velocidade dos craques. O Brasil tem jogadores muito rápidos e habilidosos. O Uruguai também tem jogadores de grande nível. Será uma batalha muito disputada.

Torra TITANicamente
pela vitória do Brasil!
A melhor meia são as
MEIAS TITAN

"Oba! Isto sim é que é jornal!"

Capa do jornal Gazeta Esportiva na véspera da final da Copa do Mundo, com o jogo Brasil x Uruguai, em 1950. A animação deu lugar à tristeza, quando o Brasil perdeu de 2 x 1.

IMPrensa ESCRITA

HISTÓRIA DE PAIXÃO

Paulo Vinicius Coelho*

O garoto tinha 14 anos. Recebera a promessa do pai de que poderia assistir ao seu time do coração, no domingo. Mas só se o dia não amanhecesse com chuva. O pai, velho de guerra, já havia passado frio muitas vezes num estádio de futebol. Não queria repetir o sofrimento.

Sufrimento, ora, que sofrimento? A pergunta do garoto fazia todo o sentido na cabecinha de 14 anos. O que podiam representar duas horas de frio perto da alegria de assistir ao time do coração?

O domingo, 27 de agosto de 1983, amanheceu nublado, com céu ameaçador. O pai desconsiderou a promessa. Olhou para o céu, para o rosto do menino. Pegou o carro e foi ao estádio.

O garoto em questão já sabia que não praticava nenhum esporte com qualidade. Queria ser jornalista. Carregava a paixão, percebia precisar mais do que isso. Precisava ser Jornalista, assim com *J* maiúsculo. Significava não restringir seu conhecimento à área esportiva, entender um pouco de política, ler jornais, formar-se como cidadão. A paixão se encarregaria de formar sua especialização.

O menino Paulo Vinicius virou jornalista e, acredite, tem gente que coloca o adjetivo *bom* ao lado do nome da sua profissão. Conteí parte dessa história no texto com o qual me apresentei à editora Abril, em 1990, ano da seleção para o Curso Abril, do qual tomei parte, escolhido pelo texto ali escrito.

Ali, fui lembrado outras tantas vezes: um bom jornalista de esportes é, antes de tudo, um bom jornalista. A tarefa não é simples. Exige rigor na informação, cuidado na apuração, checagem exaustiva. Implica passar horas ao telefone. Engana-se quem pensa ver o telefone substituído pelo computador. Um completa

o outro, mas não há jornalista sem conversa diária com a fonte.

Assim como não existe profissional que se torne escravo dela. Jornalista não é amigo, nem confidente. Informação apurada vira informação publicada, depois de checada. A cara feia de quem pensava ser amigo pode ser fome, que você só não vai passar se trabalhar direito e publicar tudo o que deve ser publicado.

Não é diferente o trabalho numa editoria de Política, Cidades, Variedades, Economia. Diferente, às vezes, é o tratamento dedicado a quem vive numa redação esportiva por quem trabalha com informação distante do caderno de esportes. A editoria esportiva é vista como porta de entrada por quem pretende chegar mais longe. Verdade apenas do ponto de vista das feras formadas nessa editoria. Gente como Armando Nogueira, Milton Coelho da Graça, Alberico de Souza Cruz. Por que o esporte forma tanta gente para outras editorias? Porque escrever sobre esporte implica falar sobre a crise política ou econômica de um clube, contar o drama pessoal de um atleta, explicar a trajetória de um herói. No esporte, se faz matéria de Política, Economia, Variedades, todos os dias.

Mas ser visto como porta de entrada faz gente que não se preparou ser encaixado no fundo da redação. Para onde vamos mandar o menino? Ah, manda para o Esporte.

Problema mais sério do que esse vive quem queria – e não quer mais – trabalhar com futebol, basquete, vôlei, atletismo. Gente apaixonada que envelheceu, passou a se preocupar mais com filhos, contas, carros, casas. A vida muda, a paixão se vai. Se isso acontecer com você, pense. Vá fazer outra coisa. Porque se a paixão de menino levou você à frente do computador, para escrever sobre esportes, só ela fará você escrever bem pelo resto da vida.



Gente séria, como Graciliano Ramos, duvidava que o futebol fosse pegar. Foi, talvez, o primeiro palpiteiro que se meteu a escrever sobre futebol sem entender nada do assunto. Gente séria continuou duvidando que jornais e revistas especializadas tivessem sucesso. No final dos anos 60, João Saldanha dizia não acreditar que *Placar*, recém-fundada revista especializada em esportes, tivesse vida longa. *Placar* é publicada há 34 anos.

A importância dos veículos que se dedicavam ao esporte começou mais cedo, no entanto. Em São Paulo, na década de 1910, havia páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*. Não se tratava de periódico voltado para as elites, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos. Um aviso não muito pretensioso de uma das edições chamava-os a fundar um clube de futebol. Foi assim que nasceu o Palestra Itália, que se tornaria Palmeiras décadas mais tarde, no meio da Segunda Guerra Mundial. Nesse tempo, as poucas páginas dedicadas a esporte nos diários paulistanos falavam sobre outra guerra. A travada entre os são-paulinos, que sonhavam tomar à força o Estádio Parque Antártica dos palestrinos.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto.





Fotos Internet

No jornal à esquerda, o capitão Mauro levanta a taça na comemoração da conquista da Copa de 1962. À direita, ilustração mostrando Lula, artilheiro de 1947.

Assim, revistas e jornais de esportes foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos. Em 1918, o jornalista Cásper Líbero havia adquirido o jornal paulista *A Gazeta*, que logo se tornou um sucesso de público, desempenhando importante papel na defesa das instituições democráticas e que, em 1932, tornou-se o porta-voz da Revolução Constitucionalista. Os esportes passaram a ter destaque especial nesse jornal e o sucesso foi tamanho que Cásper criou um suplemento destinado exclusivamente a divulgar eventos ligados a essa área, com o nome de *A Gazeta Esportiva*, cujo primeiro número circulou em 24 de dezembro de 1928. Em 1947, o suplemento tornou-se um jornal diário e ganhou um grande número de páginas. Suas matérias, com coberturas amplas de todas as modalidades esportivas, o tornaram-no um dos mais completos jornais esportivos do país, com prestígio até no exterior. Em 2001, *A Gazeta Esportiva* deixou as bancas e passou a ter sua versão na internet pelo *site* www.gazetaesportiva.net.



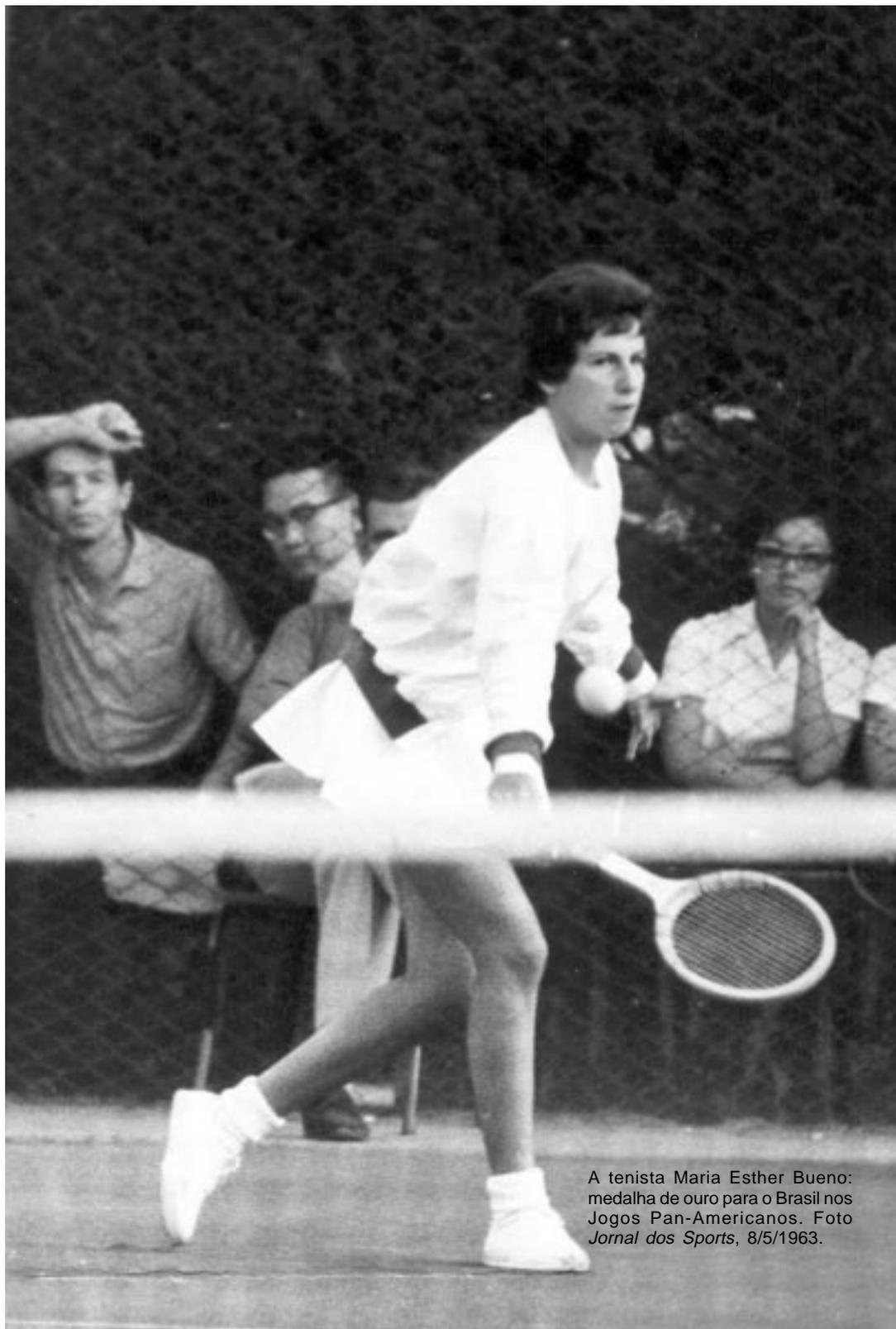
No Rio de Janeiro, a *Revista do Esporte* viveu bons anos entre o final da década de 1950 e o início dos anos 60. Viu nascer Pelé, o Brasil ganhar títulos mundiais, viu o futebol, seu carro-chefe, viver momentos de estado de graça. E nem assim sobreviveu às adversidades.

No final dessa década, o jornalista paulistano Roberto Petri lançou seu próprio diário esportivo: *O Jornal*. Não durou. Petri voltou a trabalhar em emissoras de rádio como Gazeta, Difusora e Bandeirantes, até concentrar-se nos comentários sobre o futebol argentino na ESPN Brasil, no final dos anos 90.

Só no fim da década de 1960, os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro. Dessa época para cá, os principais jornais de São Paulo e do Rio lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram como se tratasse de objeto supérfluo. Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade.

(*) Paulo Vinícius Coelho trabalhou como repórter da *Gazeta de S. Bernardo* (1988 a 1990), *Diário do Grande ABC* (1990), revista *Placar* (1991 a 1997) e *Lance!* (1997 a 1999). Atualmente é chefe de reportagem e comentarista da ESPN Brasil e colunista do *Lance!*





A tenista Maria Esther Bueno: medalha de ouro para o Brasil nos Jogos Pan-Americanos. Foto *Jornal dos Sports*, 8/5/1963.

IMPRENSA ESCRITA

UM OLHAR FEMININO NO JORNAL DOS SPORTS

“Em um jornal, o noticiário esportivo é tão importante quanto o noticiário político. Envolve a mesma paixão, uma emoção tão forte que muitas vezes nos impede de pensar com alguma racionalidade.”

Cristina Konder*

Posso dizer que meu amor pelo esporte vem do berço. Meu pai, que foi um esportista militante (chegou a ser campeão paulista de remo – no dois-sem), educou seus cinco filhos inculcando em nossas cabeças o lema greco-romano de *mens sana in corpore sano*. Ensinou a todos nós a nadar. Filhos e alguns netos. Para mim, uma das lembranças mais agradáveis da minha infância era a hora em que interrompíamos os estudos, pela manhã, para ir com ele ao clube nadar.

Pratiquei natação durante muitos anos. E até hoje, quando não está muito frio e quando o mar não está muito mexido, dou minhas braçadas ali no Leblon. Mas minha vida profissional esteve até agora dedicada a uma outra paixão: a política. Somente este ano, graças ao convite do Christian Burgos e do Wellington Rocha, volto ao amor mais antigo, no *Jornal dos Sports*.

Este jornal, vocês já conhecem: teve sua origem no início dos anos 30, a partir da idéia dos jornalistas Álvaro Nascimento e Argemiro Bulcão, do então *Rio Sportivo*, que decidiram sair para uma nova empreitada. Reuniram nomes de peso e deram vida a um novo jornal dedicado aos esportes.

No dia 23 de março de 1936, inspirado na cor do jornal francês *L'auto*, o rosa entrou para a história do *Jornal dos Sports*. Foi uma jogada de *marketing*: desde aquele dia o jornal ganhou maior destaque nas bancas e passou a ser carinhosamente reconhecido no Brasil como o *Cor-de-Rosa*.

Mais tarde, Mario Filho, que trabalhava em *O Globo*, passou a colaborar também com o *JS*. Foi quando percebeu o incrível potencial do jornal e decidiu que iria se tornar seu dono. Comprou-o, em outubro de 1936, em sociedade com Roberto Marinho, Arnaldo Guinle e o presidente do Club de Regatas do Flamengo, José Bastos Padilha. Era o início da arrancada que transformou o jornal no maior e mais importante veículo esportivo do país.

Há 73 anos, o *Jornal do Sports* vem solidificando o seu prestígio no país. Incorporou ao linguajar dos torcedores e esportistas expressões que entraram definitivamente para o folclore mundial. O termo “Fla-Flu” é uma criação de Mario Filho; o “Dinamite” de Roberto, um dos maiores artilheiros da história do Vasco, surgiu na manchete do jornalista Aparício Pires. Isso sem falar no “urubu”, até hoje um dos símbolos do Flamengo, criado pelo saudoso Henfil em suas inesquecíveis charges nas páginas do *JS*.



Símbolo do Flamengo, o urubu marca presença num jogo Flamengo e Vasco no Maracanã. Final da década de 70. Foto de Alberto Jacob.

De suas páginas nasceu, em 1949, a campanha pela construção do maior estádio do mundo, o Maracanã. A importância do jornal na empreitada foi tão grande que o estádio leva até hoje o nome do jornalista Mario Filho. Com pulso forte, Mario Filho deu início a seus muitos empreendimentos. Criou os Jogos Estudantis e os Jogos da Primavera, imprimindo a sua marca à cobertura jornalística esportiva. Nas décadas de 50 e 60, os dois eventos chegaram a reunir mais de 200 mil atletas e estudantes e o *JS* rapidamente ocupou um lugar de destaque no país.

Por suas páginas, nesses 73 anos de vida, desfilaram os maiores jogadores de futebol da nossa história e desportistas como Adhemar Ferreira da Silva, no atletismo; Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet e Ayrton Senna, no automobilismo; Maria Esther Bueno e Guga, no tênis; entre muitos outros.

Seu conteúdo editorial também é referência na área de Educação, desde os tempos de Mario Filho. O *JS* mantém um noticiário diário sobre o assunto, pois entende que Educação e Esporte caminham juntos em qualquer sociedade. Somente quem tem 73 anos pode se dar ao luxo de contar e ser parte da história ao mesmo tempo.

Nesses 73 anos, o *JS* passou, como todos os jornais, por altos e baixos. Hoje, com sua circulação em curva crescente, quer continuar a ser o maior e melhor jornal esportivo do Brasil.

E esta é a minha grande tarefa: produzir o melhor conteúdo para que tal se realize. Para isso tenho uma jovem e talentosa equipe, que já me recebeu com furo de reportagem sobre o polêmico prêmio** a ser entregue para a equipe olímpica brasileira de vôlei, no caso de ganharem a medalha de ouro, em Atenas.

Durante a minha vida profissional, só trabalhei em editoria de Esporte alguns meses. Foi em *O Globo*, com o Renato Maurí-



cio Prado. Mas a minha função na época era zelar pelo melhor desempenho da equipe, com o novíssimo sistema de edição, recém-implantado na redação. Eu era uma das instrutoras no uso do sistema. Claro que todos na editoria tiveram uma atuação excelente e eu, para meu desgosto, tive que abandoná-los bem cedo para assistir a outras editorias, com mais dificuldades. Mas o amor é fonte de conhecimento. E, talvez por isso, nunca pude deixar de me interessar e acompanhar bem de perto todo noticiário esportivo.

Em um jornal, o noticiário esportivo é tão importante quanto o noticiário político. Envolve a mesma paixão, uma emoção tão forte que muitas vezes nos impede de pensar com alguma racionalidade. Por isso, jornalistas das duas editorias têm a obrigação de se esforçar em dobro para ser objetivos. E como isso é difícil quando se trata de matéria sobre o nosso time de coração! Não acredito que haja uma receita para ser um bom jornalista esportivo. Trata-se da mesma fórmula usada para ser um bom jornalista: inteligência, conhecimento, honestidade (muita), equilíbrio, objetividade (a maior quantidade que você conseguir) e amor à profissão. Uma pitada de jogo de cintura pode ajudar bastante.

Nunca senti, nos jornais em que trabalhei, discriminação por ser mulher. Ou, então, meus chefes foram muito eficientes em disfarçá-la... Sempre os encarei como sendo inteligentes demais para tal mediocridade. Sinto-me muito feliz com os chefes que tive. São considerados hoje os melhores jornalistas do Brasil! São nomes como Evandro Carlos de Andrade, Ricardo Boechat, Augusto Nunes, João Rath, Paulo Henrique Amorim, Edyl Valle Jr., Luiz Mario Gazzaneo, Lutero Motta Soares e muitos outros. Trabalhei também ao lado de grandes jornalistas e aprendi muito com eles.

Mas sei de muita discriminação sofrida por colegas, pelo fato



de serem mulheres. E não só na editoria de esporte. Em todas. A discriminação por sexo, infelizmente, é uma realidade no Brasil. E pode ser sentida em todo lugar. Imagino que as editorias de Esporte também sofram desse mal. Porém, hoje em dia, a maioria dos homens se sente na obrigação de, pelo menos, disfarçar muito bem os preconceitos que possam ter. Mas que ainda *los hay, los hay*. Infelizmente.



Foto Internet

As jogadoras Hortência e Paula comemorando mais uma vitória do Brasil no basquete feminino.

(*) Cristina Konder é editora de Conteúdo do *Jornal dos Sports*.

(**) O repórter Ilam Reismann, às vésperas do início das Olimpíadas, ouviu uma conversa telefônica entre Ary Graça, presidente da Confederação Brasileira de Vôlei (CBV), e o jogador Nálbert, discutindo sobre o prêmio em dinheiro que seria dado à equipe, caso ganhassem a medalha de ouro. A divergência era quanto ao total a ser pago (a CBV propunha o dobro do prêmio pago em Barcelona, cerca de US\$ 40 mil, a cada componente da equipe; os jogadores queriam mais). (Nota da autora do depoimento, Cristina Konder.)



Foto Internet



Duas jogadas do genial Garrincha. Acima, na Copa de 1962, "entortando" seu marcador. Abaixo, na foto de Alberto Jacob, em jogo contra o Santos de Pelé, no Maracanã, no final da década de 60.



SANTIAGO SEGUNDA

Quando os brasileiros voltaram a campo, Garrincha se sentiu assim, alvo de todos os olhares. Fotógrafos chilenos, os que iam ficar atrás do *goal* de Gilmar, correram para bater-lhe poses especiais.

– *Un momentito, Garrincha.*

Garrincha parou, deixou que o fotografassem. Jogar no *scratch* brasileiro é uma responsabilidade muito grande, pensava Garrincha. Se Pelé estivesse jogando, seria melhor. Mas Pelé não joga e a responsabilidade é muito grande.

A cada passo que dava Garrincha, aparecia um novo fotógrafo.

– *Un momentito, Garrincha.*

– Eu já bati mais de dez fotografias – lamentou-se Garrincha.

– *Un momentito solamente.*

Garrincha conformou-se. Já estava do outro lado do campo, na posição dele. Quando o fotógrafo que ele julgava fosse o último deu-lhe as costas, Garrincha fez o sinal da cruz e rezou. Sentia o peso da responsabilidade. Nunca sentira tanto peso sobre os ombros. E tenho sete filhas, passou-lhe num relâmpago.

– *Un momentito, Garrincha.*

Era outro fotógrafo.



Foto Internet

Garrincha, no começo de sua carreira no time do Botafogo.



Garrincha, Didi, Vavá, Amarildo e Zagalo: o ataque da Seleção brasileira que venceu a Espanha por 2x1 em 1962, no Chile.

Pelé se lembrava ainda de Garrincha se persignando. Aquilo lhe deu certeza da vitória do Brasil. Com o Mané assim o Brasil ganha. E o Mané está achando que fez pouco, que é preciso fazer mais.

Landa tinha dado a saída. A bola estava com Toro, Toro esticava um passe para Leonel Sanchez, Leonel Sanchez devolvia a Toro, na direita, Nilton Santos estourava com Toro. Aposto como o juiz vai dar *foul* de Nilton Santos. Dito e feito. Pelé detestou o juiz peruano com nome japonês. Quer agradecer os chilenos. Toro chutava fora, enquanto se prolongavam as vaias aos brasileiros.

E lá vai Mané. Pelé ouviu as batidas do próprio coração. Rodriguez, driblado por Garrincha, não teve dúvida: meteu-lhe o pé. Como apanha o Mané! Pelé recordou que também apanhava em todo o jogo. Eu reajo e o Mané não reage.

Didi não chutou, estendeu a bola para Garrincha que avançou. Antes que chegasse à linha de fundo, Rodriguez atropelou-o e atirou a bola para a linha de fundo.



Garrincha ajeitou a bola, Pelé imaginou-se em campo esperando a bola alta para um *goal* de cabeça. O chute de Garrincha veio alto, um pouco atrasado.

– Meta a cabeça, Vavá! – Pelé estava de pé.

Vavá pulava e metia a cabeça na bola enquanto Pelé saltava, dando murros no ar.

– Goal! Goal!



Garrincha, no final dos anos 70, revela o seu talento como técnico, ensinando crianças carentes a jogar futebol num escolinha da LBA (Legião Brasileira de Assistência). Foto de Alberto Jacob.

Mario Filho foi colunista do *Jornal dos Sports* de 1936 até morrer, em 1969. O título da retranca da sua coluna diária variava conforme o acontecimento do momento, no caso, a Copa do Mundo de 1962, realizada em Santiago do Chile. Esses dois tópicos fazem parte da crônica publicada no dia 16 de junho de 1962.



Os Campeões do Mundo de 1958



Foto Internet

IMPrensa ESCRITA



AURORA DE POSSESSOS

Amigos, o brasileiro que após a vitória estava sóbrio é um pobre diabo nato e hereditário. Diante do bi, o nosso avassalante dever cívico era o pileque também cívico. Graças a Deus, todo o mundo estava bêbedo. Fomos, sim, setenta e cinco milhões de bêbedos. Muitos não tinham provado nem água da bica. Mas a vitória subiunos à cabeça mais que a cachaça ordinária. Não encontrei, anteontem, uma única pessoa que não estivesse com o bafo, com o hálito, não de álcool, mas de vitória.

Mas seria uma injustiça não dar o nosso apoio aos que de fato beberam, aos que se encharcam de bebida alcoólica. E o impressionante é que, de sábado para domingo, a cidade já se povoava de bêbedos. Eram sujeitos que comemoravam na véspera a glória do dia seguinte. Esses borrachos, como dizem os argentinos – borra-chos proféticos –, estão a merecer o nosso reconhecimento. Amigos, eu nunca vi, na minha vida, o Brasil tão brasileiro, nunca vi o Brasil tão Brasil.

O primeiro papel do *scratch* tem sido o de promover e de reabilitar o Brasil aos olhos dos próprios brasileiros. Digo “reabilitar” porque tínhamos seriíssimas dúvidas sobre a nossa terra. O brasileiro não acreditava no Brasil, eis tudo. O sujeito, aqui, estava sempre de

olho em Paris, Londres, Roma. Caminhando pela nossa inefável Praça Saenz Peña, a gente sonhava com a de S. Marcos. E vem o *scratch*, desde 58, demonstrar que o Brasil está potencializado, que o Brasil deixou de ser um vira-lata entre as nações, assim como o brasileiro deixou de ser um vira-lata entre os homens.

Vejam vocês como a vida é engraçadíssima. O *scratch* ensinou o brasileiro a conhecer a si mesmo, a sentir o próprio gênio, a sentir o próprio *élan* criador. Amigos, e como foi colossal a vitória sobre a Tcheco-Eslováquia. Tudo valorizou o feito brasileiro, tudo o dramatizou. O próprio desenvolvimento da partida, as alternativas do narrador, foram de um alto patético. O inimigo abre o score. Ora, na decisão de uma “Jules Rimet”, a abertura de score significa uma vantagem considerável.

De Pedro Álvares Cabral até 58, o brasileiro era um sujeito que catava pretextos para se deprimir, para desanimar. De 58 para cá, nunca. E pelo contrário. As dificuldades virilizam o brasileiro, dão-lhe mais ímpeto, mais gana, mais garra. A Tcheco-Eslováquia marcou primeiro e aconteceu então o seguinte: – Amarildo voltou a ser aquele possesso incontrolável.

Amigos, esse rapaz, que faz a barba em um salão do Boulevard 28 de Setembro, foi uma das figuras decisivas da Seleção. Foi lançado, como se sabe, em condições trágicas. Mandaram-no substituir Pelé. Ora, “substituir Pelé” é uma responsabilidade que exige um Napoleão. Como reagiu Amarildo? A Espanha estava vencendo por 1x0. Segundo tempo. E o possesso fez os dois *goals* que nos deram a vitória e a classificação.



Contra a Tcheco-Eslováquia, estávamos também inferiorizados no marcador. Então, Amarildo montou no demônio ou foi por ele montado. De uma forma ou de outra, partiu para a bomba. Correu pela esquerda, cortou uns dois, invadiu. Não havia ângulo. Mas para um possesso não há ângulos impossíveis. E Amarildo despejou o tiro. A bola, como uma louca, passou entre o goleiro e a trave e foi-se enfiar no barbante.

Amigos, não era apenas o empate. Era mais, muito mais. Era o caminho para a vitória. O caminho para o bi. Foi ainda Amarildo que, na sua disparada de possesso, varreu mais dois adversários e, fugindo pela esquerda, deu na medida, deu na bandeja para Zito, na pequena área. Então, o grande médio com uma deslumbrante categoria, colocou lá para dentro das redes tchecas. Dizem de Santiago, que, em ambas as ocasiões, Amarildo tinha a baba elástica e bovina dos rútilos epiléticos de Dostoiévski. Depois, Djalma Santos atira sobre o *goal* e Vavá, na sua atropelada de centauro doido, aumenta para três.

Os tchecos jogaram a sua melhor partida e foram triturados por nós. Amigos, os bicampeões do mundo já chegaram. O povo os carregou no colo. Apoteose furiosa para todos, apoteose para Garrincha, o maior jogador da Terra. Amigos, o *scratch* nos enfia pela cara a grande verdade: – não há homem mais genial que o brasileiro.

Artigo do jornalista, escritor e teatrólogo Nelson Rodrigues, publicado na coluna “Nelson Rodrigues dá bom dia”, em 13 de junho de 1962, no *Jornal dos Sports*, onde foi colunista de 1958 até 1980, ano de sua morte.



IMPrensa ESCRITA

A LEITURA É O GRANDE LANCEI

“ *A pátria de chuteiras continua sendo o carro-chefe das publicações esportivas, até porque nos últimos dez anos foram levantadas duas Copas do Mundo.* ”

Roger Garcia*

O jornalismo esportivo tem um público cativo no cenário nacional. Praticamente todos os grandes e médios jornais do país destinam uma editoria e um espaço nobre, quando não um caderno, para dar a cobertura diária dos principais acontecimentos das modalidades esportivas no Brasil e no mundo. O interesse do leitor aumenta ou diminui em razão de alguns fatores. O principal é sobre o seu time de coração. Em períodos de vacas magras, por exemplo, tende a se afastar. Grandes competições, como Copas do Mundo, Jogos Olímpicos, Pan-Americanos ou eventos em que brasileiros ou ídolos estejam em evidência, ampliam as tiragens dos jornais.

Talvez pela ampla concorrência dos veículos não segmentados, existam poucas publicações no Brasil neste setor. Um dos maiores é o diário *Lance!*, que, segundo o IVC (Instituto Verificador de Circulação), figura há algum tempo entre os dez jornais mais vendidos do país (incluídos todos os grandes jornais). Fundado em outubro de 1997, estabeleceu-se como uma referência esportiva e atinge os principais centros do país, abordando praticamente todos os esportes, cada qual com o espaço proporcional à sua relevância.

Nos últimos anos, o interesse do leitor cresceu além das fronteiras do futebol. Outros esportes, especialmente aqueles em que atletas brasileiros ou equipes se desenvolveram, ganharam mais espaço, por vezes passaram até a rivalizar com o futebol. Mas a pátria de chuteiras continua sendo o carro-chefe das publicações esportivas, até porque nos últimos dez anos foram levantadas duas Copas do Mundo, e o Brasil segue pródigo na revelação de jovens talentos, apesar da situação econômica forçá-los a se tornarem “tipo exportação”. E a paixão clubística é o maior combustível desta relação com a informação. Ela se reflete nas vendas dos jornais. Uma grande vitória de um clube de massa é retorno certo.

Em razão deste interesse crescente, vejo o jornalismo esportivo cada vez mais consolidado. É um mercado bastante procurado pelos estudantes de Comunicação Social. Muitos, assim como ocorreu comigo, cursam a universidade com a meta traçada de integrar uma editoria de Esporte, seja qual for o veículo.

No meu modo de ver, para o aspirante se tornar um jornalista esportivo integrado no mercado é preciso, antes de mais nada, um conhecimento específico. Uma cultura esportiva é obtida por interesse e leitura. Ela facilita a busca por novas informações, amplia a capacidade de elaborar pautas, e a leitura contribui muito para o desenvolvimento do texto. Tendo, portanto, o domínio do assunto, está dado o primeiro passo para se fazer uma grande matéria, sugerir uma pauta interessante. A partir daí, a evolução do jornalista se dá, geralmente, com um conhecimento cada vez mais diversificado. O grau de percepção é, naturalmente, cada vez maior quando se tem boa noção sobre os mais variados assuntos. Num jornal não segmentado, é importante para o estagiário, ou até mesmo profissional, passar por outras editorias. No mundo do esporte há sempre correlação geopolítica.



Tenho 36 anos de idade e uma experiência profissional de 13 anos. Hoje em dia, é bem mais fácil conseguir um estágio ou o pontapé inicial na profissão. Eu me formei em 1990 e quase desisti, até ganhar uma oportunidade na Agência de Notícias Sport Press, em 1991. Com o *boom* da internet e um momento favorável para o surgimento de jornais e a ampliação de suas equipes em 97, as vagas nas redações, desde então, são mais palpáveis do que na época em que peguei o diploma. Sempre militei no esporte. Cobri os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 96, trabalhei no *Jornal do Brasil* e em *O Dia*, tive uma experiência interessante editando o *site* oficial do Galvão Bueno e, depois me mudei para Londrina (PR), onde também fui assessor de imprensa dos filhos dele, pilotos da Stock Car. Já até “invadi” o mercado editorial, com o lançamento de um livro sobre o Zico. Em 2003, tive rápida passagem pelo Sportv, durante os Jogos Pan-Americanos. Lá, aprendi que a linguagem de TV é muito diferente do “dialeto” das redações impressas. E tive uma certeza: quem passa por jornal leva vantagem sobre quem constrói carreira apenas na TV. O jornal é a maior escola para o jornalista. Uma experiência fundamental. No mesmo período, em setembro do ano passado, recebi proposta para ser o editor executivo-adjunto do *Lance!*, cargo que exerço até os dias de hoje.

LANCE! NAS OLIMPÍADAS

Uma cobertura de grande porte, como a dos Jogos Olímpicos, mobilizou as duas redações do *Lance!*, no Rio de Janeiro e em São Paulo, e seus correspondentes espalhados pelo Brasil, para a repercussão dos resultados na Grécia.

O diário enviou para a cobertura em Atenas cinco repórteres e um fotógrafo, sendo que a coordenação ficou a cargo do





No Troféu Brasil de Natação de 1963, Peter Matzner é a grande sensação nos 100 metros nado livre. Foto do *Jornal dos Sports*, 11/2/1963.

editor-sênior Marcelo Damato. Esta é a sua maior equipe na maior festa esportiva do mundo. Além dos enviados especiais, há um robusto suporte em suas redações, no *site* Lancenet!, (www.lancenet.com.br) complementados ainda por material fornecido por agências de notícias.

A cobertura olímpica do *Lance!* teve entre 12 e 16 páginas diárias. Exclusivamente para ela, foram feitos investimentos na área tecnológica, principalmente nos servidores do *site* Lancenet! que propiciaram maior velocidade no envio das informações direto de Atenas aos internautas.

O compromisso da cobertura olímpica foi o de oferecer um jornalismo multimídia e diferenciado, com matérias especiais e de bastidores, além do noticiário completo dos esportes. Uma novidade foi a capa dupla e “invertida”. Uma sobre o futebol e





Adhemar Ferreira da Silva (ao centro) na entrega de medalhas para os campeões e vice-campeões olímpicos em Melbourne, Austrália, em 1956. Foto *Jornal dos Sports*.

outra olímpica, num conceito de duas edições numa só. Ao leitor, bastava girar o jornal para encontrar o material sobre os Jogos de Atenas e todos os ícones das modalidades.

No Lancenet!, o internauta tem à disposição *blogs* temáticos dos enviados especiais, além do tempo real das competições, quadro de medalhas, agendas dos eventos, *links* sobre a história dos países e dos esportes envolvidos. Enfim, uma cobertura à altura da posição ocupada hoje pelo *Lance!* no segmento esportivo.

(*) Roger Garcia é editor-executivo-adjunto do jornal *Lance!*



IMPRENSA ESCRITA

PLACAR A REVISTA PARA QUEM GOSTA DE ESPORTE

“Fotos espetaculares, coloridas, arrojadas. Placar não se limitava a contar o jogo como fazia a imprensa escrita.”

Sérgio Xavier*

Contar a trajetória da *Placar* é mergulhar um pouco na história do próprio futebol brasileiro. Nascida em março de 1970, ela se tornou um referencial para quem gosta e pesquisa o esporte. A revista começou em março de 1970, aproveitando o *oba-oba* da Copa do Mundo. Não havia nada na época que cobrisse o futebol do Brasil inteiro. Os jornais ainda não tinham cadernos de esportes e os poucos que tinham se limitavam a cobrir os clubes do próprio estado.

Placar iniciou com uma revista que tinha 31cm x 23cm de largura, capa e miolo no mesmo papel. Só a capa tinha cor. A número 1, com Pelé se preparando para a Copa de 70, vendeu 182 mil exemplares. Mas a venda cresceria conforme o desempenho da Seleção brasileira. Em junho, chegou a 228 mil com a conquista da Copa. Acabou a Copa, acabou a festa. A média caiu para 39 mil exemplares por semana. Mas aí a cor começou a entrar nas aberturas de matérias e a equipe teve uma grande idéia: palpites semanais



Foto Internet

sobre loteria esportiva, a grande coqueluche da época. A tiragem subiu para 100 mil e *Placar* começava a se firmar como o grande veículo do futebol brasileiro.

Algumas características eram inéditas na imprensa esportiva brasileira. Fotos espetaculares, coloridas, arrojadas. *Placar* não se limitava a contar o jogo como fazia a imprensa escrita. Os redatores (e aí a revista contava com grandes penas como Carlos Maranhão, Michel Laurence, Divino Fonseca) misturavam bastidores, histórias humanas e o resultado era prazeroso. Grandes

entrevistas sempre foram também a marca da *Placar*. Os jogadores, técnicos e personagens da bola sabiam que ali a repercussão era nacional, por isso “soltavam a matraca”. E, com ilustrações de primeira, Henfil colocava suas tiras na revista. O conjunto da obra fazia a diferença. Os leitores percebiam e davam a resposta. Nos seus 32 anos, *Placar* sempre rivalizou, na Editora Abril, com as revistas *Veja* e *Capricho* no ranking de cartas enviadas.

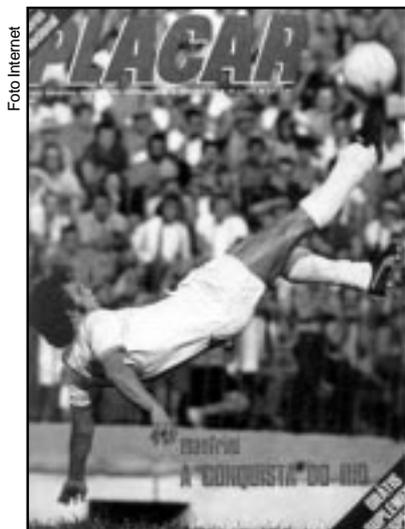


Foto Internet

Em 1980, a primeira grande mexida. O formato caiu para 21cm x 28cm para se adequar às exigências gráficas da Abril. Dois anos mais tarde, a série de matérias que formaria definitivamente o nome *Placar*: “A Máfia da Loteria Esportiva”. Foram denúncias tão contundentes, mostrando subornados e subornadores, que a loteria nunca mais seria a mesma.

Em 1983, uma nova aposta. Começa a *Placar Todos os Esportes*, cobrindo tudo. Não que *Placar* nunca tivesse falado de outros es-



portes (Emerson Fittipaldi teve uma boa cobertura), mas agora a coisa era mais assumida. E o futebol ficou bem menor. Não deu certo. As vendas despencaram, mesmo quando o futebol voltou a dominar a cena a partir do segundo semestre de 1985.

Em 1989, a mudança mais drástica: *Placar Mais*. Textos grandes deram lugar a notinhas, muitas fotos e, mesmo com preço baixo, a venda seguiu caindo. Em 1990, com o fiasco brasileiro na Itália, a *Placar* deu lugar à *Ação*, uma revista para cobrir esportes da classe A (automobilismo, esportes radicais etc). *Ação* durou apenas um ano. *Placar* semanal tinha fechado as portas definitivamente. Mas um especial era lançado por mês com o nome *Placar*. A média de venda desses especiais ficava em 70 mil/mês.

Em 1995, animada com a conquista da Copa e a explosão do *marketing* esportivo, a Abril relançou a *Placar* em formato gigante (27,5cm x 35,8cm). A revista teve uma forte campanha publicitária e adotou o *slogan* “Futebol, sexo e rock & roll”. Começou em abril de 1995 com a capa “Edmundo Precisa de Carinho”, passou a ter assinaturas e a falar uma linguagem jovem, quase adolescente. A circulação ficou em torno de 200 mil exemplares/mês.

Em 1996, diminui o formato para 22,6cm x 29,9cm. Os jovens leitores agradeceram (não conseguiam guardá-la na pasta da escola). Ainda em 1996, a revista começou uma adaptação da linguagem a fim de atingir também um público mais velho. Em 2001, mais uma experiência semanal e, em 2002, *Placar* apostou todas as fichas em especiais, muitos especiais (foram quase 50). De guias a



DVDs, *Placar* falou de Copa do Mundo, futebol brasileiro, grandes ídolos. Falou, é claro, de Olimpíadas, um evento que sempre permitiu que o tema futebol desse lugar aos outros esportes. Desde 1972, aliás, *Placar* sempre cobriu os Jogos Olímpicos com seus guias e enviando os melhores repórteres e fotógrafos para o campo de batalha.

A lição dos 35 anos de vida é de que eles não foram em vão. Mais do que uma revista, *Placar* forjou uma marca construída em cima de credibilidade e isenção. Destacou-se no jornalismo esportivo porque, mesmo nos períodos de maior crise do setor, não abriu mão da qualidade editorial e da independência.

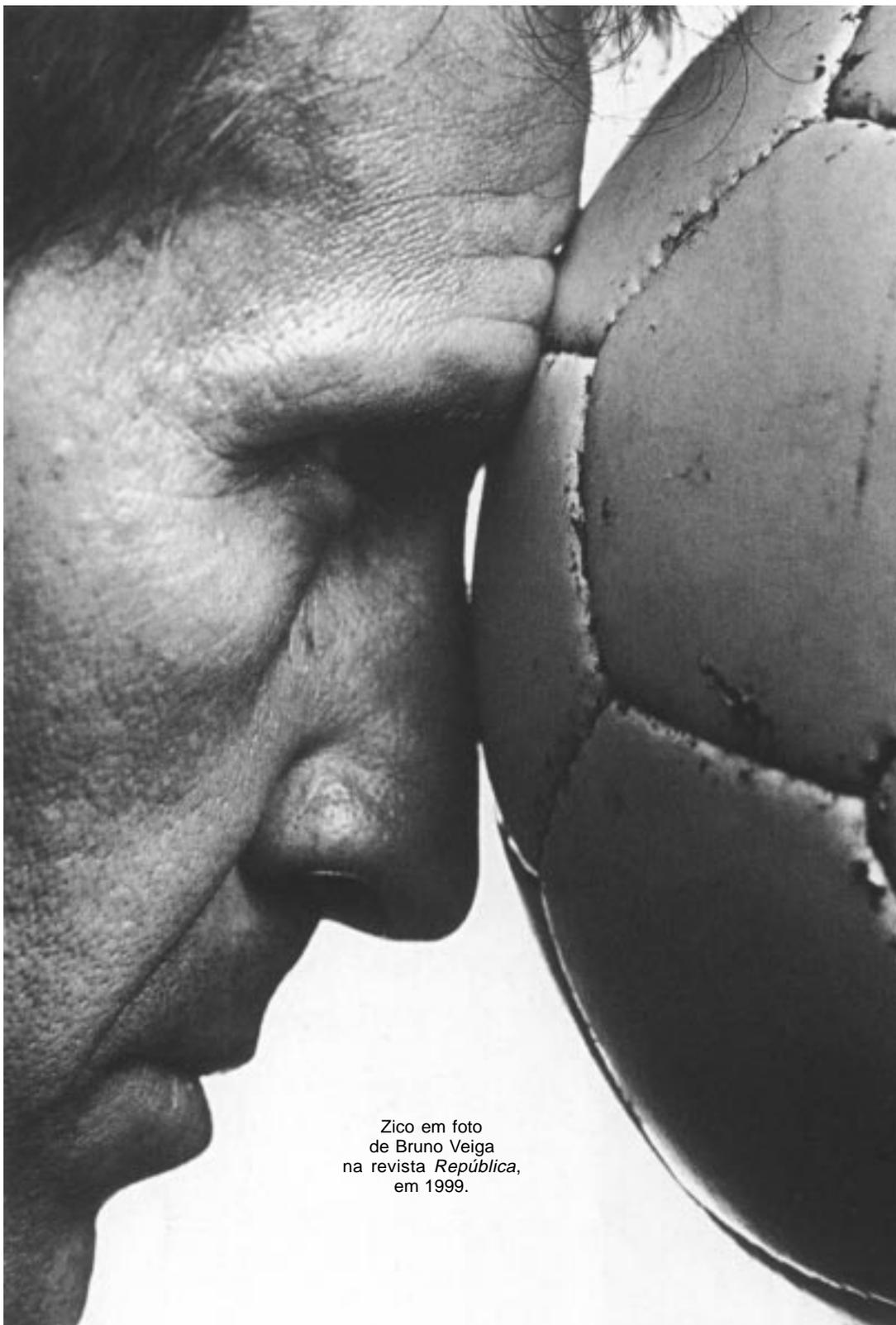


Show de criatividade na reportagem da revista *Placar*, em 1996, com uma seqüência de quatro fotos e apenas nove palavras.

(*) **Sérgio Xavier é diretor de redação da revista *Placar*.**







Zico em foto
de Bruno Veiga
na revista *República*,
em 1999.

IMPRENSA ESCRITA

O DESAFIO DIÁRIO DE UM COLUNISTA

“*No caso do cronista esportivo,
mais vale uma boa idéia
do que uma grande notícia.*”

Fernando Calazans*

Comecei, em 68, quando o *Jornal do Brasil* era uma grande escola de jornalismo. Fiz um curso interno no próprio jornal e acabei abandonando a faculdade de jornalismo no segundo ano, porque eu achava que aprendia mais na redação. Depois de seis meses de estágio consegui o meu registro profissional e continuei no *JB*.

Em 70, o editor de Esportes do *Correio da Manhã*, João Máximo, me levou para trabalhar com ele, e tive a oportunidade de cobrir a Copa do Mundo. Dois anos mais tarde, estava em *O Globo*, primeiro como repórter e depois redator, sempre no jornalismo esportivo. Em 1976, fui convidado para voltar a trabalhar no *Jornal do Brasil*, onde permaneci por dez anos, até que voltei para *O Globo* e não saí mais.

Desde 90, na Copa da Itália, passei a assinar uma coluna esportiva, que hoje é publicada cinco vezes por semana. O que, apesar de muito recompensador, representa um grande desafio, uma vez que não é fácil ter uma idéia por dia. Não se trata de falta de assunto, coisa rara de acontecer, e sim de que, no caso do cronista esportivo, mais vale uma boa idéia do que uma grande notícia. Principalmente no caso da minha coluna, que é bem mais opinativa do que informativa.

Procuo me adaptar aos avanços tecnológicos, mas confesso que não gosto da internet e só considero o computador imprescindível como máquina de escrever e correio eletrônico. Sou viciado em redação, gosto desse clima, do ambiente. Procuo me esforçar no sentido de inovar a linguagem, hoje produzo um texto bem mais enxuto. Gosto de estar presente para conversar com os repórteres, que, aliás, são minha melhor fonte. Sei que poderia estar fazendo o que faço em casa, mas se vou trabalhar de qualquer forma, prefiro o pique da redação.

Já tivemos vários exemplos de que, no Brasil, as denúncias são apuradas, mas não chegam a ser consideradas pela Justiça conforme deveriam. No esporte, a história se repete, e dificilmente os escândalos e falcatruas são tratados como deveriam. São várias as provas levantadas contra dirigentes, tivemos a CPI do futebol bem conduzida pelo Senado e que resultou em uma tonelada de papéis que repousa no Ministério Público, sem definição.

A mídia, por sua vez, faz o seu papel, mas não pode mudar o curso desses acontecimentos. Jornal Nacional, Globo Repórter, provas e mais provas são exibidas e nada. Nada acontece. Já tive um ou dois processos contra mim, mas não deram em nada: um não foi aceito e o outro acabou sendo retirado pela própria pessoa que moveu a ação.

Estamos vivendo um período delicado em relação ao desempenho dos times cariocas. Podemos considerar que se trata de uma das piores crises já vividas até aqui. Por conta disso, preciso me cuidar para não produzir um texto mal-humorado e ranzinza. Obviamente que nem todos entendem o lado construtivo da crítica e a intenção em colaborar ao apontar as falhas e maus procedimentos. Sempre lembrando que o primeiro passo para mudar algo é o reconhecimento de que está errado.



Faz aproximadamente uma década que o perfil do colunista mudou, hoje sabemos que não é necessário, muito menos possível, acompanhar várias modalidades. No meu caso, por exemplo, me esforço para estar por dentro de tudo sobre futebol e confesso que não dou conta. Tenho que decidir quais são as partidas prioritárias, uma vez que só comento aquelas que acompanho, ou assistir a dois (ou mais) jogos em um único dia. Sem contar que aprecio, e não abro mão, de uma final de vôlei, basquete ou tênis. Além disso, na época das Olimpíadas, o futebol costuma ceder muitas linhas de minha coluna para visitantes inéditos e ilustres.



Com um gol de Nunes (camisa 9) contra o Atlético, de Minas Gerais, o Flamengo sagra-se campeão brasileiro de 1980. Foto *Jornal dos Sports*.

O futebol está muito mudado. Noto, com tristeza, que o torcedor de hoje já não é impulsionado pelas mesmas convicções e paixões de antes. Fala-se de jogadores como Pelé e Garrincha, com a certeza de que desempenhos semelhantes ao deles não existem e não existirão jamais. Ao mesmo tempo, percebo nos de hoje um ar de superioridade, como se tivesse sido fácil jogar décadas atrás, época em que havia, sim, marcação de verdade, e muitas das dificuldades que vemos hoje.



Foto Internet

Seleção que venceu o País de Gales, em 1958, na Suécia: Desordi, Zito, Belini, Nilton Santos, Orlando, Gilmar, Garrincha, Didi, Mazzola, Pelé, Zagallo e Mário Américo (massagista).

Atualmente, o menino que começa jogando bola de meia na rua é transferido de forma prematura para a categoria infantil. Logo eles têm de competir e perdem o direito de brincar de bola. Precisam jogar, jogar para ganhar. Criam jogadores com caráter mercantilista, sem a pureza da paixão pelo futebol. São jogadores que passam de clube em clube sem fidelidade à camisa, como naquela época em que eles não eram exportados para Ucrânia, Turquia, Arábia, Bulgária...



Na categoria de base, cada vez mais, os técnicos e professores dão prioridade à agressividade em campo, a matar jogada, a pegar, marcar, não deixar jogar, fazer falta, parar o jogo, um futebol violento que me desgosta muito. O futebol brasileiro está perdendo o esplendor e a técnica. Isso se reflete no campeonato brasileiro, que está nivelado por baixo. Nossa Seleção ainda é a melhor porque os outros decaíram, mas é evidente que não temos um futebol tão bonito como antes.

E a imprensa? Para acompanhar o futebol como ele é, para seguir a tendência, a imprensa em geral trocou a figura humana, o ser humano, e o espaço para as matérias individuais pelo noticiário de negócios, de interesses financeiros. É o chamado futebol de negócios. Os patrocinadores entraram em campo e mudaram o jogo. Tenho total aversão a esse tipo de futebol, procuro privilegiar o lado humano em minha forma de sentir, analisar e escrever sobre jornalismo esportivo.

(*) **Fernando Calazans é colunista esportivo do jornal *O Globo*.**





Bela defesa do
goleiro russo Yashin,
na Copa do Mundo
de 1958, na Suécia.

Foto Internet

RÁDIO E TV

O COMENTARISTA E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO

*“Hoje, o profissional é apenas
uma peça da máquina – rádio ou emissora
de televisão. Antes, o profissional
era a própria máquina.”*

Luiz Mendes*

Sou do Rio Grande do Sul. Nasci em Palmeira das Missões, que fica perto de Juí, onde trabalhei em jornal e depois no serviço de alto-falante numa emissora de rádio. Dois anos mais tarde, eu estava em Porto Alegre na Rádio Farroupilha, começando uma jornada de 62 anos de carreira. Participei da fundação da Rádio Globo aqui no Rio de Janeiro, estive na TV Rio, na Rádio Nacional, na Tupi, entre outras, afinal, já completei 80 anos de idade.

Acompanhei praticamente toda a história do futebol brasileiro, esporte ao qual mais me dediquei e estudei. Tive o privilégio de escrever num jornal chamado *Alerta*, que durou cerca de dois anos, e foi registrado no DIP depois de uma carta que enderecei ao Getúlio pedindo autorização para funcionar como órgão da juventude brasileira.

Meu interesse pelo esporte começou como o de todo menino, que ao ver os jogos de futebol, escolhe seus ídolos e time, passa a torcer por eles e a nutrir uma paixão cada vez maior. Em Porto Alegre, eu torcia para o Grêmio, mas no Rio adotei o Botafogo como time oficial.

Já não sou tão fanático por assistir aos jogos, mas continuo bastante crítico. Só que agora prefiro guardar as críticas mais contundentes para mim. Muitas vezes eu saio de casa pensando em fazer um comentário ferino, mas, quando chego lá na rádio, já não tenho vontade de falar de forma tão dura e sim de analisar equilibradamente o assunto.

Quando eu apenas narrava os jogos e ainda não conhecia a liberdade de expressão atribuída ao comentarista, gostava bastante do que fazia. Mas hoje, depois de tantos anos comentando na Rádio Globo, posso dizer que estou realizado profissionalmente, em especial quando desfruto da possibilidade de burilar as frases e exercitar minha capacidade intelectual.

O rádio desperta a imaginação. Quando o locutor narra que o goleiro fez uma defesa sensacional, podemos criar em nossa mente o lance que desejamos. Mas, se estamos na frente da televisão, como colocar a imaginação para funcionar? Não dá, é aquilo e pronto. Esta é, sem dúvida, a fundamental diferença entre os dois meios de comunicação. Mas isso não é suficiente para elevar o rádio a uma categoria superior, cada um tem seu espaço. Quando, depois de 15 anos de rádio fui para a televisão, dizia a seguinte heresia: “rádio é diversão de cego”. Hoje entendo que não é bem assim, precisamos admitir a maior velocidade e capacidade de extensão do rádio.

Lembro-me que quando apareceram revistas como *O Cruzeiro*, *Vida Doméstica*, entre outras, todos diziam que os jornais (que quase não publicavam fotos) estavam com os dias contados. Depois chegou o rádio e, mais uma vez, ouvíamos que o jornal seria substituído; em seguida apareceu a televisão, a internet, e o jornal continua fazendo história.

O advento das faculdades de Comunicação modificou o jornalismo esportivo. Hoje, o profissional é apenas uma peça da



máquina – rádio ou emissora de televisão. Antes, o profissional era a própria máquina. O ouvinte era fiel ao locutor de quem gostava, hoje a fidelidade é pela emissora, não importando o locutor.

Criou-se um estilo que se apegou mais à televisão do que ao rádio, porque a televisão é coloquial, não é preciso mudar a entonação da voz para falar nela. Já no rádio, temos que usar o que é a força desse veículo, a projeção da voz. Vemos muita gente trabalhando sem voz adequada, gente que antes não passaria nem pela porta da estação, que sofre grande influência da TV e atua em emissora de rádio.

A ausência de recursos técnicos acarretava muitas dificuldades nas transmissões. Quando ousávamos acompanhar os jogos no exterior, estávamos sujeitos a muitos imprevistos, alguns bastante cômicos. Certa vez, em viagem para Santiago do Chile, ao olhar a Cordilheira dos Andes, ficamos imaginando como nossa voz ultrapassaria aquela gélida barreira para chegar ao Brasil. E, de fato, não ultrapassou. Depois de duas horas de narração, recebemos (como sempre acontecia depois do encerramento) um telegrama com a mensagem que mais temíamos: “transmissão inchegou” (*inchegou* para economizar palavras). Era uma verdadeira loteria, em que algumas ocasiões obtivemos êxito, com a mensagem “parabéns, transmissão excelente”.

A primeira transmissão aqui no Rio de Janeiro foi realizada por Amador Bueno, na Rádio Clube do Brasil, com um estilo bastante peculiar de narrar. Sendo pioneiro e, por conta disso, totalmente desprovido de um referencial, ele hoje diria assim: “Romário, Romário avança, continua Romário com a bola, Romário, Romário...”, enquanto o Romário não soltasse a bola ele ficava repetindo o nome, esse era o estilo de Amador Bueno.

Cada um com suas características, o importante é que somos responsáveis pela formação histórica do ouvinte. A convicção de



tal responsabilidade me levou a introduzir ilustres biografias em meus comentários. Ou seja, empenho-me em semear no ouvinte o interesse por conhecer cada vez mais sobre o esporte.



Três momentos do brilhante artilheiro Arthur Friedenreich.

Quando, por exemplo, refiro-me a uma brilhante jogada de Arthur Friedenreich em 1935, estou, de certa forma, estimulando o interesse do ouvinte por um dos melhores artilheiros que o mundo já viu. Em virtude de poder contar com minha excelente memória visual, outro recurso que utilizo para enriquecer os comentários é a comparação com grandes craques.

Tem um jogador chamado Carlos Alberto, que jogava no Fluminense e foi para o Futebol Clube do Porto em Portugal, a maneira como ele conduz a bola (não a qualidade do seu jogo) é muito parecida com a do Pelé, que inclinava o tronco para frente numa espécie de diagonal, dificultando a tomada de bola pelo adversário. Essas analogias não chegam a ser uma preocupação, mas, quando ocorrem, não as desperdiço.

(*) Luiz Mendes é comentarista esportivo da Rádio Globo.





Combate entre o campeão de boxe Éder Jofre, o "Galo de Ouro", e Ocipes dos Santos.
Foto *Jornal dos Sports*, 26/2/1962.





Tostão, Pelé e Jairzinho
na Copa do Mundo de 1970.
Foto de Orlando Abruñhosa
para a revista *Fatos & Fotos*.

RÁDIO E TV

O GRANDE SHOW RADIOFÔNICO

*“ De todos os meios de comunicação,
o rádio é o que mais me atrai, por ser
o mais dinâmico, nenhum outro consegue tal
velocidade nem trabalha tão bem a emoção. ”*

José Carlos Araújo*

Minha carreira começou muito cedo. Aos seis anos de idade transmiti a primeira partida de futebol. Um dos times em campo era o Fluminense, que escolhi por ser o mais colorido da loja em que minha mãe me levou para comprar meu time de botão. De transmissão em transmissão, cada vez eu ficava mais distante da medicina ou da diplomacia (carreiras que meus pais sonhavam para mim), e antes mesmo de sair do Colégio Pedro II, aos 15 anos, comecei a trabalhar como repórter de rua na Rádio Continental e depois como locutor comercial da Eldorado.

Formei-me em Geografia pela Uerj e prestei concurso para professor do estado, mas a paixão pelo esporte ficou novamente em primeiro lugar. Comecei a procurar emprego como locutor e não encontrava quem me desse uma oportunidade. Até que, um dia, Valdir Amaral e Celso Garcia me contrataram como plantonista da Rádio Globo. Mas foi em 77, ao entrar para a Rádio Nacional, que dei o pulo-do-gato para o início da minha transformação de comunicador esportivo em apresentador de um grande *show*.

O Fluminense acabou virando meu clube de coração, mas quando estou trabalhando deixo de lado a condição de tricolor. Na verdade, estou sempre torcendo para que os grandes times tenham

uma boa colocação. Isso se reflete diretamente no aumento da audiência, ou seja, Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo são meus times oficiais quando “estou em campo”.

Apesar de ter me especializado em futebol, já transmiti várias modalidades esportivas. Nas Olimpíadas de Atlanta, em 96, fui para fazer a cobertura do futebol, mas, depois da eliminação da Seleção brasileira, acabei narrando a final de basquete feminino. Que, sem dúvida, é mais emocionante de ser transmitido do que uma partida de futebol, principalmente quando o jogo está equilibrado e é um tal de cesta lá, cesta cá sem parar.

A transmissão de Fórmula 1 é outra experiência bastante interessante, esta bem mais tranqüila do que o futebol. Além disso, oferece a oportunidade de viajarmos para lugares maravilhosos e não requer o envolvimento do profissional de jornalismo antes e depois da competição. O que é muito diferente, por exemplo, em uma Copa do Mundo. Principalmente se estivermos hospedados no mesmo hotel em que a Seleção do Brasil está, ficamos 24 horas no ar.



A carioca Norminha chora ao perder um lance, mas logo se recupera e conquista o título de bicampeã brasileira no campeonato de 1966 contra as paulistas. Foto de Alberto Jacob.

Mas nenhum benefício ou prazer que os outros esportes possam oferecer abala minha paixão pelo futebol. Faço questão de anotar e registrar todos os lances: data, resultado dos jogos, *e-mails* recebidos... Está tudo arquivado desde o primeiro jogo até o de número 2.133, que vou transmitir hoje à noite.

Nesses 40 anos em que faço jornalismo esportivo, já trabalhei em rádio, jornal e televisão. Mas, de todos os meios de comunicação, o rádio é o que mais me atrai, por ser o mais dinâmico, nenhum outro consegue tal velocidade e trabalha tão bem a emoção. Principalmente a transmissão de futebol pelo rádio, que é onde atuo hoje, como proprietário de uma empresa que presta serviços para a Rádio Globo.

O advento do celular contribuiu para deixar o rádio mais veloz. Foi durante a Copa do Mundo de 90, na Itália, que começamos a utilizar os aparelhos na transmissão. Houve uma briga dos *hooligans* (torcedores violentos, na Inglaterra) na estação do pendolino (trem bala da Itália), em Turim. O repórter Pedro Costa estava com um celular e registrou tudo. Hoje já estamos acostumados com esse recurso, mas, com os avanços tecnológicos voltados para diminuir o tamanho dos aparelhos, a qualidade da recepção tem sido prejudicada.

Ter uma boa voz é fundamental para o desempenho do profissional de rádio, ela cria a imagem e isso se reflete na credibilidade da notícia. É a partir de um conjunto de vozes características que podemos identificar a emissora em que o profissional está trabalhando. Somos responsáveis pela criação das imagens mais ricas através das palavras que emitimos e os receptores são as “caixinhas” (ca-beças pensantes) dos ouvintes em toda parte do Brasil.

A história mais curiosa que se passou comigo foi uma crise de soluço durante a transmissão de uma partida Flamengo X América no estádio do Bangu, Moça Bonita. De repente eu comecei a solu-



çar. Nervoso, apelei para todos os meios que conhecia, e nada. Apolinho (Washington Rodrigues) era o comentarista e percebeu a minha aflição, mas não sabia como ajudar. Houve uma interrupção na partida, fiquei calado por alguns instantes e o soluço continuava.

Graças a um telefonema do Dr. Jorge da Mata, que estava de plantão no Instituto Nacional do Câncer e sugeriu que eu chupasse uma pedra de gelo, cerca de um minuto e meio depois o maldito soluço passou. No dia seguinte, a manchete do jornal *O Dia* era algo parecido com “Soluço pára Garotinho no Flamengo X América”. Aliás, o nome Garotinho surgiu a partir da Copa de 74, quando o repórter Denir Menezes, observando que eu tinha o costume de chamar os colegas assim, passou a fazer o mesmo comigo.

O mercado de rádio esportivo no Brasil está cada vez mais achatado, isso porque os custos ficaram muito mais elevados. Uma fatia da publicidade passou para as mídias alternativas como *busdoors* (anúncio dos ônibus), *outdoors* (cartazes de comerciais – mídia de rua), *backlight* (painel fotográfico translúcido iluminado por trás), recursos que antes não estavam disponíveis. Falta criatividade aos homens de rádio esportivo para arrebatar uma porção maior desse bolo publicitário.

Historicamente, o rádio esportivo transformou-se num segmento importante do jornalismo. Quando comecei, existia a figura do *speaker*, do locutor que se limitava a transmitir o jogo. Hoje temos uma geração de comunicadores que estão aptos a desenvolver um jornalismo esportivo da mais alta qualidade. Vejo-me como comunicador de um grande *show*, composto pelo antes, o durante e o depois do jogo. Etapas que envolvem os fatos que estão ocorrendo na cidade: rebelião ou fuga no presídio, informações sobre trânsito, ou seja, é o jornalismo no esporte.

(*) **José Carlos Araújo é locutor esportivo da Rádio Globo.**





Ayrton Senna, tricampeão mundial de Fórmula 1 em 1991. Foto *Jornal dos Sports*.





jornal da tarde

Cr\$ 50,00

O ESTADO DE S. PAULO

Quarta-feira, 5 de julho de 1982 - Número 5.085 - Ano 17



Barcelona, 5 de julho de 1982.

RÁDIO E TV

NA MESA-REDONDA

*“ O cronista deve ser imparcial
em suas colocações, nas análises que faz.
Mas, daí a não ser um torcedor,
vai uma distância muito grande. ”*

Sergio du Bocage*

O jornalista esportivo é um privilegiado. Já sei que os que trabalham em outras editorias vão contestar, reclamar, mas esta é a mais pura verdade. E o motivo é simples: ele é o único que presencia o fato sobre o qual vai escrever, do princípio ao fim. Em nenhuma outra situação o jornalista tem esta oportunidade de viver a notícia, compartilhar dela, estar no momento do fato.

Quantos de nós, que trabalhamos com esporte, já tivemos de mudar um texto por causa daquela cesta no último segundo? E o gol que surge nos acréscimos de um jogo e faz a taça trocar de mãos? O toque na borda da piscina, a disputa de um *tie-break*, o golpe que surpreende. Não faltam situações. A emoção de uma cobertura esportiva é inigualável, seja ela em qual dimensão. Sempre veremos o homem buscando a superação de uma marca ou de si próprio, o aprimoramento; haverá alegria e tristeza, frustração, euforia, idolatria. E não há como não se envolver.

E se abrímos o leque aos demais jornalistas especializados em outras áreas, quem não gostaria de estar em uma Copa do Mundo ou numa Olimpíada? Para não exagerar, dê uma passadinha na Tribuna de Imprensa do Maracanã numa final de campeonato: está sempre lotada e não só de cronistas esportivos.

Mas houve um tempo em que o jornalismo esportivo não tinha o *status* atual. Ao contrário: quando eu ainda estava na Universidade Federal Fluminense (UFF), início dos anos 80, o que se ouvia era que as editorias de Polícia e de Esporte eram as portas de entrada para o foca/estagiário. Iam para lá porque eram editorias “menores”, onde se “ralava” de verdade, para aprender e, depois, ingressar nas editorias mais respeitadas, como a Nacional, de Política ou de Economia.

Aos poucos foram descobrindo que não só o esporte necessitava de um conhecimento tão grande quanto os demais assuntos, como também era um grande gerador de recursos financeiros. E, assim, começaram a surgir os cadernos de esporte, cada vez mais completos e dinâmicos, e até mesmo mais um jornal especializado no assunto, o diário *Lance!*, que compete diretamente com o tradicional *Jornal dos Sports*, o *Cor-de-Rosa*, onde, por sinal, tive o orgulho de começar, efetivamente, minha carreira, em 1981.



Ben Johnson supera Carl Lewis na final dos 100m rasos em Seul. Logo depois, perderia a medalha de ouro por ter sido flagrado no exame antidoping. Foto de Sergio du Bocage.

Por falar em carreira, foram poucos os veículos onde trabalhei, mas tenho o prazer de dizer que me senti e me sinto muito bem em todos eles. O primeiro passo foi dado num estágio, que durou apenas uma semana, na TV Bandeirantes, com Paulo Stein, Márcio Guedes e Alberto Leo, um trio com o qual voltei a trabalhar depois, na TV Manchete, e hoje, num terceiro momento, na TVE. De lá, levado pelo amigo Itamar Guerreiro, fui para o JS como estagiário e exerci todas as funções possíveis, chegando ao cargo de editor de futebol ou subeditor geral com o alvinegro Carlos Macêdo na chefia. Saí em 1994 para abrir minha empresa de assessoria de imprensa, a DB Press. Em TV, trabalhei na Manchete, em 1983, com Aristélio Andrade e Telmo Zanini, e em 1984 fui contratado pela TVE, levado pelo Telmo e onde conheci pessoas que muito me ajudaram: Dival Santos, o diretor, e Januário de Oliveira e Achilles Chirol, que me deram a oportunidade de fazer parte de uma equipe das melhores, participando dos famosos videoteipes que a TVE apresentava nas noites de domingo.

Esta experiência, em jornal e TV, é muito importante. São veículos muito distintos, que ensinam tudo o que você necessita na profissão: agilidade e saber apurar e redigir, com precisão. Nunca o repórter deve se dar por satisfeito com o que apura! Todas as perguntas, por mais idiotas que possam parecer, devem ser feitas para não haver dúvidas. Repórter que tem vergonha de perguntar vai voltar para a redação precisando de um algo mais.

No JS, ainda estagiário, assumi a responsabilidade de acompanhar o Campeonato Estadual de Juniores. Fazia o noticiário de 12 clubes durante a semana, o que me permitiu criar amigos em todos eles, até hoje. Na TVE, o trabalho já era bem diferente – enquanto no jornal você se torna um setorista de determinado clube ou se especializa em três ou quatro modalidades olímpicas, na TV você cobre de tudo um pouco, o que o obriga, também, a ampliar seu



foco e a ler e ouvir ainda mais sobre o assunto.

Nesse período todo, algumas coberturas foram marcantes e precisaria de um livro para contá-las todas, mas sem dúvida ter ido à Olimpíada de Seul, pelo *JS*, foi a principal delas. Além de burlar a rígida segurança ao entrar na Vila Olímpica sem crachá, disfarçado de remador, ainda consegui chegar ao fosso de fotógrafos, também sem crachá específico, e registrar, com minha máquina, o momento em que Ben Johnson cruzou a linha dos 100m rasos, deixando para trás o até então imbatível Carl Lewis.

Pode parecer que trabalhar com esporte é sempre agradável. Nos fins de semana, ir à praia para acompanhar uma competição de surfe, vôlei de praia, *beach soccer*, *bodyboarding*. Ou ir ao estádio ver seu time de coração jogar e ainda estar ali, bem pertinho de seus ídolos, daqueles que milhares de pessoas dariam um braço para poder tocar. Quem sabe, viajar, conhecer novos lugares? É verdade, tem tudo isso sim. Mas trabalhar numa editoria de Esporte exige, acima de tudo, *gostar* de esportes. E não só futebol, a preferência popular. Que tal, nesse mesmo fim de semana, passar o domingo inteiro na praia, de sapato, calça comprida e camisa, sem poder dar um mergulho, provavelmente sem almoço e tendo de voltar para a redação para escrever a matéria? Ou entrar num barco, ir para alto-mar acompanhar uma regata, passar mal e ainda ter de buscar o resultado? Ou assistir, ali mesmo no Maracanã, a seu time de coração ser goleado e ter de colocar no papel a alegria do campeão, sem transparecer qualquer sentimento contrário?

Trabalhar com esporte exige boa memória, conhecimento de regras, leis, números, história; exige imparcialidade, mas também paixão. Aliás, é engraçado o leitor/ouvinte/telespectador que não aceita ser o cronista esportivo um torcedor de futebol. Ora, se o sujeito não gosta de futebol, certamente ele vai buscar outra profissão – que não é, também, a de árbitro, pois até eles têm seu clube de



coração. O cronista deve ser imparcial em suas colocações, nas análises que faz. Mas, daí a não ser um torcedor, vai uma distância muito grande. Há, até mesmo, os que são reconhecidos pela sua ligação com determinado clube e nem por isso perdem o respeito e o reconhecimento do público.

Enquanto eu era repórter, estava tudo bem. Mas desde que assumi uma das cadeiras do programa de debates da TVE nas noites de domingo – a tradicional mesa-redonda –, vários foram os torcedores que passaram a me procurar para saber qual o clube de minha preferência. Confesso que, no início, tinha receio de que declarar ser Flamengo fosse me causar problemas, mas tive uma surpresa bem feliz: mesmo de outros clubes, telespectadores se diziam mais confiantes no que eu dizia pelo simples fato de eu assumir ser rubro-negro. Viam, ali, franqueza e coragem de quem acredita no que diz.

É claro que os mais passionais não me “engolem”. Ou, se pudessem, me engoliriam vivo, literalmente. Mas são minoria. Aliás, o maior cuidado que um jornalista esportivo deve ter é exatamente o de evitar atingir a paixão dessas pessoas. Existe um ditado que afirma ser o homem capaz de mudar de mulher ou de qualquer outra paixão, mas nunca de seu clube de futebol. É por aí. O respeito ao torcedor, em qualquer instância, é fundamental para que se realize um trabalho correto. Criticar é aceitável, mas humilhar, provocar, isso nunca.

Em 20 anos de profissão, fiz amigos, trabalhei em bons lugares, aprendi um pouco da profissão que escolhi, faço verdadeiramente o que gosto. E ainda sou jornalista esportivo! Sou ou não um privilegiado?

(*) Sergio du Bocage é repórter e comentarista esportivo da TVE Brasil.





Foto Internet

Romário comemora o título de campeão mundial de 1994.

RÁDIO E TV

O PODER DAS IMAGENS

“Na transmissão do jogo em si,
em qualquer lugar do mundo,
a televisão é imbatível.”

Sérgio Noronha*

Comecei numa redação como contínuo, levando as matérias para a oficina. Nessa época, havia uma recomendação para que o texto das legendas não ocupasse menos de uma linha, mas, como nem sempre o autor da matéria estava presente para fazer isso, o jeito era apelar para os novatos. E foi assim que comecei a escrever os meus primeiros textos, completando legenda. Até que um dia, foi preciso reescrever o título de uma matéria e lá estava eu, aproveitando mais uma oportunidade e recebendo elogios do secretário da redação: “Está melhor do que o anterior”, disse ele. Enfim, por essas e outras, o contínuo virou redator auxiliar.

O *Cruzeiro*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, TV Globo, TV Tupi, TV Educativa, TV Rio, passei por esses e por outros lugares fazendo de tudo, mas nem sempre jornalismo. Já fiz até roteiro de *show*. Nos anos 60, entrei para o esporte, depois de uma mudança no *Jornal do Brasil*, quando o Jânio de Freitas, chefe de redação, saiu e foi substituído por Alberto Dines. Eu trabalhava com Marcos de Castro e Armando Nogueira. Foi o próprio Armando quem me convidou para ser comentarista esportivo da TV Globo.

Minha melhor escola foi o improviso: depois do microfone aberto não temos escolha, é preciso falar. Criamos mecanismos para construir nosso discurso, sem contar que ainda recebemos o auxílio

de quem escreve. Modestamente, eu nunca fiquei sem ter o que dizer. Apesar de sempre existir uma saída para situações mais complexas, isso não impede que tenhamos histórias muito engraçadas para contar.

Para ser um bom profissional, o jornalista precisa ter isenção. Um comentário pode até ter alguma repercussão junto ao dirigente esportivo e aos jogadores, mas, em geral, os técnicos acham que o jornalista não entende tanto quanto pensa, pelo fato de não termos jogado futebol profissional. Mas não é assim que funciona, caso contrário, um crítico de teatro teria que ter sido um ator e um crítico de arte, um pintor. O que nós, profissionais, temos, na verdade, é o poder de observação, um acúmulo de conhecimento e a possibilidade de expressá-lo.

Cada vez mais, o rádio está sendo massacrado pela televisão. A TV conta com imagem, ilustração (narrador), comentarista, repórter e ainda a reprise do lance. Para a transmissão de um jogo da Seleção brasileira utilizamos, em média, 24 câmeras, que depois podem repetir um lance de vários ângulos. O rádio leva vantagem na cobertura do pré-jogo e do pós-jogo, pois tem mais tempo e facilidade para entrevistar um número maior de pessoas, principalmente em outro estado, em alguns casos utilizando o celular. Mas na transmissão do jogo em si, em qualquer lugar do mundo, a televisão é imbatível.

Cada mídia tem uma linguagem própria. A imprensa é documental. Hoje, o jornal é muito mais para registrar, comentar e opinar sobre os fatos do que para cobrir o factual. Depois que a televisão transmite um fato, não há mais o que dizer sobre o assunto, pois ela atinge um público monumental, esmagador. Um ponto de Ibope em São Paulo, por exemplo, significa 47 mil aparelhos ligados, sendo que isso não corresponde apenas a esse



número de pessoas assistindo, temos em média duas ou três pessoas por aparelho.

Um problema da TV é estar diretamente ligada à publicidade. Para transmitir uma partida que se realize ao meio-dia, por exemplo, será preciso tirar do ar o Globo Esporte, os jornais regionais (RJ, TV, SP, TV etc.), e o Jornal Hoje. E tirar do ar essa programação significa queda de audiência e desencaixe de dinheiro. Quem acoplou sua publicidade a um desses jornais, perde. Como é que você faz? Quando o tempo já está vendido a alguém, é preciso recompensá-lo de alguma forma. Não se pode simplesmente tirar uma coisa do ar e colocar outra. Em todas as Olimpíadas temos vários problemas com choque de horário de eventos importantes acontecendo no horário de programas de interesse nacional.

Lembro-me de uma final de vôlei coincidindo com o Jornal Nacional e a novela. O responsável pela programação disse: “Tudo bem, vocês podem colocar o vôlei, mas quem paga o desencaixe de um milhão de dólares”? O argumento é muito forte, não tem jeito. Os 30 segundos mais caros da TV americana são nas finais de basquete e de futebol, que custam em média 450 mil dólares.

O comentarista precisa trabalhar em muita sincronia com o locutor. Eu procuro ficar atento, porque às vezes o locutor se engana, principalmente quanto aos nomes dos jogadores. Quando isso acontece, escrevo num papel e mostro para ele, mas o Luís Roberto, que trabalha comigo, erra muito pouco. A maior dificuldade é quando a transmissão é feita do estúdio, vendo pela televisão.

Ao cobrir o campeonato brasileiro, por exemplo, não conhecemos os jogadores todos. Quando se está cobrindo o carioca,



depois do terceiro ou quarto jogo já conhecemos o jogador pelo andar, pelos gestos, mas não conhecemos bem os de outros estados. Houve um jogo Vasco e Vitória, da Bahia, no ano passado, que foi transmitido daqui. Noventa por cento do time baiano é composto por negros, todos parecidos. De repente aconteceu uma substituição no Vitória e o jogador que entrou foi à frente. Exatamente quando o Luís Roberto gritou “goooooooool”, o tal jogador tirou a camisa. Sem parar de gritar, o locutor olhou para mim esperando que eu soubesse o nome do autor. Sinalizei informando que também não sabia. Ele continuou berrando “goooooooool” e nada de o repórter entrar. O Luís Roberto continuou: “é gol do Vitória, o Vitória chega lá, o Vitória consegue...” Para o narrador, omitir o nome do jogador que fez um gol é muito grave, até hoje ele não se perdoa.



Foto Internet

Roberto Dinamite uns dos maiores artilheiros do Vasco da Gama nas décadas de 70 e 80.

Mas é raro não estarmos no local do jogo, até porque a presença no estádio é uma exigência dos contratos. Entretanto, quando não existe cabina, isso se torna impossível, porque o público às vezes é muito agressivo. Eu fiz um jogo em Santos, onde a cabina era aberta, e começaram a jogar coisas na minha cabeça, até lata.



Outra vez um cara pulou e puxou o monitor, ele quase caiu lá em baixo, arreventou o cabo, mas eu salvei o monitor. Temos de ser os últimos a sair do estádio. Ainda em Santos, em outro jogo, chegaram a sacudir a nossa unidade móvel e só a polícia conseguiu controlar a situação.

Temos que ter a capacidade de criticar de uma maneira elaborada, de maneira que o torcedor não considere ofensiva, embora isso seja muito difícil. O torcedor sempre acha que o comentarista está contra. Atualmente, com sinceridade, não tenho time. Quando começamos a ver o futebol por dentro, descobrimos que não é uma coisa tão maravilhosa quanto pensávamos. Descobrimos que jogadores, que durante uma partida deram pontapé um no outro, de noite se encontram e vão beber cerveja juntos. Por que eu vou me irritar, se eles não se irritam?

(*) Sérgio Noronha é comentarista esportivo da TV Globo.



Foto Internet



Romário confraterniza
com a equipe
vascaína após um gol.

RÁDIO E TV

EM BUSCA DA EMOÇÃO PERDIDA

“Teoria pálida essa que omite
o torcedor, imaginando-o apenas
um figurante na história.”

Teixeira Heizer*

Esses velhos olhos assistiram, nas últimas cinco décadas, a toda sorte de acontecimentos esportivos, amplificando-os, de forma exagerada por vezes, ou reduzindo-os às medidas das lentes fechadas. Enfocaram momentos épicos, a par de outros prosaicos, sem relevância; viajaram do pitoresco ao contundente, tudo ao sabor das emoções que, ao final, ditaram a sua reprodução jornalística, através de um comportamento profissional necessariamente ético.

Essa preliminar deve ser entendida como uma bula a balizar os caminhos dos jornalistas, de todas as áreas ou editorias, e de quaisquer veículos, dos conservadores aos de vanguarda. É claro que uma característica vigorosa deve norteá-la: a ética geral, sem, entretanto, ser desprezada a lógica de cada um. Essa análise repousa com maior incidência sobre os veículos de maior poder de fogo – jornal, rádio e TV – dentro do universo das comunicações, afora a avalanche da computação eletrônica que opera como elemento adjacente.

Ainda nesse desambicioso lidão deixo bem claro que não considero o jornal como aquilo que você lê, nem o rádio aquilo que você ouve e, sobretudo, a televisão aquilo que você vê e ouve. Dentro dessa conceituação, agiríamos, no mínimo, de forma preguiçosa e a preguiça é uma inconveniência nesse veloz mundo científico da

comunicação social. E, se não houvesse uma rebelião contra o imobilismo jornalístico, estaríamos, ainda, escravizando os pombos-correio da Agência Reuters a fim de atravessar mensagens pelo Canal da Mancha ou o revezamento de jograis para levar as novas aos mais longínquos quintais da Grécia e cercanias.

Essa introdução há de servir como uma ponte para ligação ao assunto que me é reservado: o jornalismo esportivo. Ao fixar-me em analisá-lo, sei que vou avançar para situações, algumas é verda-

Foto Internet



Lance de um ataque dos italianos, na década de 50, em que o goleiro brasileiro Walter afasta o perigo com um soco na bola.

de, até aqui impermeáveis. De-tenho-me na principal delas, ou seja, seu componente mais sa- boroso, a emoção. De cima da experiência de várias décadas de jornalismo e de professor uni- versitário, entendi que o jorna- lismo praticado em outras áre- as deveria obedecer aos rigores da técnica normativa de então. O sistema de lide e da pirâmi- de invertida certamente tinha

sentido, até por uma questão de objetividade. Num dos jornais em que trabalhei, possivelmente o mais importante (*O Estado de S. Paulo*), sempre contestei o acerto do emprego desses esquemas em duas editorias: Polícia e Esportes.

Há quem sustente que as competições restringem as emoções somente aos seus praticantes. Teoria pálida essa que omite o torcedor, imaginando-o apenas um figurante na história. Ao invés, imagino que os jogadores podem explorar toda a sua técnica e usar sua garra, impelindo o jogo ao nível dramático. É a sua superação – sublimação mesmo. Contudo, suas emoções rapidamente são controladas. Afinal, emoções não são privilégios dos atletas. Com mai-



or força, avançam pelo universo das torcidas, eletrizando-as por longo tempo. Assumo a certeza de que as histórias esportivas nutrem-se de componentes singulares, distante da rotina. Daí, serem narrados e comentados em linguagem própria.

Quando entrei para *O Estado de S. Paulo*, gol era grafado como ponto. Os irmãos Mesquita devem ter demorado para visualizar o Maracanã superlotado, decisão do Mundial de 50, no fatídico Brasil X Uruguai. Eis que Friaça chuta e marca o primeiro gol. 170 mil torcedores agitam-se e um coral gigantesco grita: “ponto”. A modernização do tradicional diário paulista embutiu, também, uma certa liberação no uso dos neologismos e outros que tais. A diagramação do vespertino *Ultima Hora* revelava maior liberdade, inclusive com sua produção gráfica mais ousada. O velho francês Albert Lawrence, por não saber português corretamente, não atribulou meus dias. No *Diário da Noite* e no *Diário de Notícias*, sustentamos igualmente nosso direito de escrever sem muitas peias. Meu melhor momento, contudo, foi na revista *Placar*, de cuja fundação participei. Hamilton de Almeida Filho, Guima, Maurício Azevedo, Dante Matiussi, Michel Lawrence e Fausto Neto souberam cultivar a qualidade de texto, quase livre, equilibrando seu peso ao fato descrito. Infelizmente, a bela revista, após a perda de alguns nomes acreditados, definhou. Perdeu suas características principais.

Aprendi, ao longo dos tempos, que colher a informação da boca do declarante – crua e dura – e transmiti-la sem melhor vestimenta, constituía-se, no mínimo, em um logro ao leitor. Confeitá-la, tornava-se necessário. Esse entendimento era comum aos mais experimentados jornalistas, sobretudo os de esportes. Nesse caso, a utilização do copidesque não prevaleceu apenas para enxugar o material escrito mas, também, para adorná-lo, tornando-o mais saboroso ao gosto dos leitores. Veja-se dois exemplos de declarações publicadas, no mundo inteiro, de formas diferentes, embora o mesmo conteúdo neles aparecessem.



Subimos juntos – fora do tempo – para cabecear uma bola. Eu era mais alto e, certamente, contava com maior impulsão. Desci ao nível do chão e, perplexo, olhei para cima. Pelé ainda estava no alto cabeceando a bola. Parecia um helicóptero em sua mágica capacidade de permanecer no ar o tempo que quisesse.

(Fachetti, notável zagueiro italiano,
na Copa de 1970)

Sua figura era grotesca. As pernas aleijadas, como se fossem duas foices, voltavam-se para o mesmo lado. A fim de ser figurante de um circo, nada faltava. Seu repertório, engraçado, constituía-se em um só drible. Nunca vi coisa igual. Ele nos lesou, o tempo todo, com seu futebol de mentiras. Naquele dia, considerei, até, a hipótese de não voltar a Moscou.

(Tsarev, na coletiva de 15/6/58,
referindo-se a Garrincha, em Gotemburgo/Suécia)

(Do livro *O jogo bruto das copas do mundo*)

1938 – Copa do Mundo da França – A voz poderosa do locutor Gagliano Neto atravessa o Atlântico, pipocando os aparelhos denominados *capelinhas* (por seu feitio semelhante a uma igrejinha), em transmissões sensacionais, autorizando uma prospecção do que seria a reportagem esportiva, dali para a frente. Parecia o prenúncio, mais tarde cristalizado, do sucesso do rádio brasileiro. Nomes de grande expressão rivalizavam com Gagliano Neto, sobretudo nos dois maiores centros culturais do país – Rio e São Paulo: Oduvaldo Cozzi, Ary Barroso, Raul Longras, os irmãos Wolney e Doalcey Camargo, Mario Provenzano, Ruy Porto, Waldir Amaral e, última-



mente, José Carlos Araújo, nas emissoras cariocas, salientando-se, ainda, Rebelo Júnior, Pedro Luiz, Edson Leite, Fiori Giglioti e José Silvério, em São Paulo.

O rádio lhes ofereceu caminhos livres. Eles criaram estilos vários, com vocabulários adjetivados tão do agrado dos ouvintes. Suas transmissões eram, a um só tempo, narrativas, expositivas e, sobretudo, analíticas. Não havia e não há, até hoje, qualquer compromisso com a ordem direta das frases. Pre-ponderância mesmo só de orações intercaladas e apostos explicativos, muitas vezes redundantes. Ágeis nos raciocínios, alguns locutores esportivos repousam seu trabalho em frases preparadas e encaixadas segundo o correr da bola, tudo num malabarismo vocal admirável.

As transmissões esportivas não têm copidesque e nem sempre a regência do verbo está correta. Mas criticá-las seria, no mínimo, uma covardia. Afinal, os locutores têm que fugir do factual e criar situações nem sempre reais para transferir em emoções aos ouvintes, tornando-os espectadores de algo que não vêem, numa magia merecedora de aplausos.

Não há como fugir da análise segundo a qual o locutor tem incumbência múltipla. A definição melhor é a de Waldir Amaral, o czar das transmissões esportivas das décadas de 60 e 70: “Você tem que maquiar o jogo para fazer o ouvinte vê-lo, além de ouvi-lo”. Adiante que, muitas vezes, o aspecto fantasioso da transmissão leva o ouvinte a sonhar com uma competição muito



Foto Internet

Pelé marca o segundo gol do Santos, no ano de 1966.



mais emocionante do que a vista no estádio. Tanto é assim que nas décadas de 60 e 70 os estádios estavam repletos de torcedores munidos de rádios de pilha.

Embora o rádio esportivo acione um só sentido, a audição, sua carga de emoção é maior do que a da televisão, embora esta se sustente sobre a audição e a visão, ao mesmo tempo. Talvez, esse fato condicione o telespectador a um esforço menor ao acionar seus mecanismos de atenção. A imagem amplia a mensagem, mas ela alcança o receptor nem sempre preparado para recebê-la.

As transmissões esportivas nas televisões exigem menos do narrador que não tem necessidade de preencher os vazios ocasionais da competição. A imagem opera por ele, figurando o áudio, neste caso, como um componente meramente de apoio. Tais teorias, evidentemente, não se aplicam aos programas, tanto os de rádio quanto os das televisões, estes sujeitos às normas vigentes (frases e palavras curtas e em ordem direta, preferencialmente). De todas as formas, o fator emoção deve sempre presidir essas programações, cujo imediatismo torna-as portadoras de um grau de dificuldade bastante grande para repórteres e locutores.

Os narradores de televisão sempre tentaram imprimir a força de sua voz e seu estilo particular às transmissões. Foi assim com Ary Barroso, Luiz Mendes, Ruy Viotti e, mais recentemente, com Galvão Bueno e seus seguidores da Globo. Inutilmente. Nada há de superar as fotos que aparecem nas falas, exalando emoções por todos os lados. A voz humana opera apenas como uma pálida legenda. Nada mais que isso.

(*) Teixeira Heizer dedicou-se ao jornalismo esportivo desde os anos 50, em jornais, revistas, rádio e TV. É autor do livro *O jogo bruto das copas do mundo* (Rio de Janeiro: Mauad Editora, 1977).





BRITNITEL



Edição 692 - Ano 1 692
ano 33 - nº 22 - R\$ 4,99
21 de maio de 2008

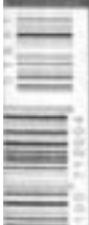
veja

www.veja.com.br

Aos 23 anos, Guga
chega a Roland Garros
como segundo do mundo
e com um patrimônio
de 20 milhões de reais

DIADORA

A PÁTRIA DE RAQUETE



PEQUENO MANUAL DA REPORTAGEM ESPORTIVA

Luciano Victor Barros Maluly*

INTRODUÇÃO

A reportagem esportiva possui aspectos diferentes de alguns setores do jornalismo. Em uma competição, as personagens já são conhecidas previamente e o levantamento da pauta, por conter informações extras, auxilia o trabalho do repórter. Os dados são selecionados com tempo e cabe, tanto ao pauteiro – quando o veículo dispõe desse profissional – quanto ao repórter, inserir informações adicionais durante a transmissão. Se o jornalista lida apenas com dados factuais, são duas as explicações: ou ele tem poucas informações sobre o fato ou a pesquisa acrescentou muito pouco à cobertura.

O trabalho de reportagem começa com o interesse do jornalista em conhecer previamente todos os aspectos que envolvem uma competição ou um noticiário. É pelo processo de levantamento de dados que as idéias vão surgindo e, assim, o texto começa a tomar corpo. Se o repórter desconhece o assunto, o tempo para coleta de informações e para compreensão do fato torna-se um empecilho à produção. A notícia acaba sendo construída, pela ausência de referenciais, por informações que acrescentam muito pouco ao público que absorve aquela notícia.

O jornalismo trabalha, primeiramente, com dados escolhidos pela equipe de reportagem, mas que são determinados pelo acontecimento. Os dados dependem da característica daquela cobertura, mas no jornalismo esportivo o fato vem sempre antes, porque a data, o local e a competição já estão previamente marcados.

As personagens já foram, em sua maioria, escolhidas, e o repórter acaba dependendo apenas do desenrolar dos fatos. E isso não é

somente para coberturas de competições, mas para treinos, preparativos e desfechos de noticiários. Afinal, no jornalismo esportivo, tudo que envolve o fato é importante, e isso só depende da quantidade e da qualidade da informação que é transmitida. Se um repórter repete demais alguns dados é porque tem somente tais dados; se, no entanto, a notícia é diferenciada e apresenta algo novo quem pesquisou está munido de informações extras.

A pauta possui elementos que são primordiais para o desenvolvimento da matéria como um histórico dos personagens envolvidos e do fato que está por acontecer. Nele, todos os aspectos devem ser desenvolvidos: os principais dados da vida pessoal e profissional dos personagens, os resultados anteriores dos clubes e dos atletas dentro daquela competição ou mesmo em eventos anteriores, os principais confrontos entre os competidores e os episódios que fizeram parte daquela disputa. O histórico da competição também é incluído,

porque é dele que depende o interesse do público pelos clubes e pelos atletas, assim como as regras da



competição, não só do esporte, mas também do próprio torneio.

A torcida é um ponto de observação na pauta porque sua participação interfere diretamente no resultado de uma competição. A quantidade expressiva de torcedores (Corinthians ou Flamengo, por exemplo, são as maiores torcidas do Brasil) ou a localização, se um clube ou atleta atua próximo de sua torcida (se o clube ou o atleta atua em casa) são informações adicionais à matéria e que devem ser incluídas na pauta. No caso do Brasil, as torcidas organizadas tornaram-se parte do espetáculo e da cobertura jornalística e, por isso, não podem passar despercebidas.

Os bastidores de uma partida ou de um noticiário também são incluídos porque a competição está se desenrolando. O conjunto de informações anteriores ao fato é relatado, assim como incidentes que podem ocorrer durante a partida, como as contusões, os treinamentos, a escalação, a classificação, o *doping*, as punições, a



torcida, o regulamento, a comissão técnica (principalmente os treinadores), as federações e a imprensa.

A matéria esportiva começa, antes, muito antes, do encerramento da competição anterior. Se o atleta ou clube participa de um torneio, o outro já está em pauta, porque os



Corinthians – Paixão e glória, de Juca Kfourri (São Paulo: Bookmen, 2002).

eventos desportivos são seqüenciais. O repórter começa assim uma peregrinação para sintetizar todas as informações incluídas na pauta. O maior número de informações auxilia na composição textual e na produção da matéria.

As informações são coletadas com a pesquisa em arquivos e entrevistas com as fontes iniciais. Os dados permitem ao repórter estar preparado para a escolha dos entrevistados e para a própria entrevista de campo. Quando ele conhece o assunto e os entrevistados, é possível colher informações que ainda não tem e acrescentá-las à matéria. A ausência de informações sobre os envolvidos e/ou sobre o assunto tira a credibilidade do repórter que pode, pelo desconhecimento, ser manipulado pelo entrevistado ou mesmo legitimar uma fonte imprópria, que ele escolheu no local do fato ou mesmo pautou sem antes conhecê-la. É evidente que, no âmbito jornalístico, o repórter coleta informações no local do fato, mas também é importante ter fontes já pautadas e pesquisadas.

A pauta é apenas um referencial para a cobertura, com dados brutos e condicionados aos bastidores e ao fato. A matéria é de responsabilidade do repórter que detecta e transmite o que é realmente importante para o público e para os envolvidos na informação. Se ficar preso à pauta, o jornalista possibilita a interferência das fontes duvidosas e da própria empresa jornalística.

A pauta é apenas um referencial para a cobertura, com dados brutos e condicionados aos bastidores e ao fato. A matéria é de responsabilidade do repórter que detecta e transmite o que é realmente importante para o público e para os envolvidos na informação. Se ficar preso à pauta, o jornalista possibilita a interferência das fontes duvidosas e da própria empresa jornalística.



PESQUISA

Qualquer tipo de pesquisa jornalística requer do profissional uma atenção especial diante dos dados, porque nem sempre eles são confiáveis. Um documento necessita da verificação do jornalista antes de ser transmitido. As publicações dos meios de comunicação de massa são documentos acessíveis e com fontes consideráveis, mas é importante confirmar com a fonte produtora ou mesmo com as especializadas a validade daqueles dados. Outra maneira de conferir a veracidade dos dados é comparando documentos. Uma notícia, geralmente, é publicada em vários meios de comunicação e, por isso, o jornalista tem a possibilidade de confrontar e verificar as publicações.

As novas tecnologias, principalmente a internet, facilitaram a procura por dados antes de difícil acesso. Após a análise e captação da informação, o jornalista confirma com as fontes se aquele dado é válido ou não. A matéria fundamentada apenas



Semanários famosos no início do século XX.



pelo recurso das novas mídias é perigosa, pois, nem sempre, a informação colocada via internet é confiável. Os meios eletrônicos servem como instrumento de auxílio na busca de informações, mas muitos dados são brutos, o que serve de alerta para os profissionais de comunicação.

Os arquivos dos meios impressos como jornais e revistas e de emissoras de televisão e rádio são documentos um pouco mais confiáveis porque o jornalista pode citar de onde tirou determinadas informações e mesmo porque há uma legitimação junto ao produtor e aos responsáveis pela publicação. Muitos arquivos já estão disponíveis na *web* e os dados possuem validade para publicação. O erro na captação da informação é possível porque muitos dados transmitidos pela imprensa podem ser falsos. É importante, portanto, sempre desconfiar de uma publicação.

Além de confirmar com os responsáveis pela notícia a validade da informação ou mesmo comparar dados, o jornalista tem de tomar cuidado com o desenrolar da matéria, porque um fato vai se desenvolvendo conforme os acontecimentos. Torna-se perigoso divulgar uma informação recortada antes do desfecho do fato. Assim, as publicações jornalísticas devem ser consideradas como um todo, ou seja, do começo ao fim da apuração da notícia. Uma cobertura jornalística pode ter apenas uma publicação, mas muitas notícias requerem uma quantidade de matérias para explicar um fato.

As publicações de caráter científico (artigos, livros, teses, dissertações e monografias) são reconhecidas como fontes confiáveis para a produção de uma matéria. Apesar disso, a especulação científica e tecnológica diante do novo ou mesmo do inédito trouxe ao jornalismo uma desconfiança diante dos fatos divulgados, já que os meios de comunicação de massa poderiam ser utilizados como



propagadores de falsas promessas ou falsas experiências e não como divulgadores de ciência e tecnologia. Uma pesquisa é publicada quando os dados já foram previamente testados e, assim, se tem uma validade desse tipo de informação. O repórter desvincula-se do inédito e utiliza as pesquisas e as produções já comprovadas cientificamente, porque ele (jornalista) pode ser persuadido a elaborar matéria muito mais de caráter publicitário do que jornalístico.

Produções artísticas e culturais como literatura, cinema, teatro, música são fontes úteis para o aprimoramento da matéria esportiva. O jornalista consegue explorar um contexto amplo na matéria, fugindo da cobertura simples e factual da competição. Uma disputa pode ser transformada em espetáculo, com personagens e histórias. Se um atleta foi personagem de um livro ou é semelhante ao protagonista ou mesmo quando uma história é parecida com a outra, a analogia enriquece de detalhes a reportagem. A cobertura é fundamentada com diversos referenciais. Além de auxiliar na criação do texto, as informações artísticas e culturais são também utilizadas como um dado novo na matéria, como é o caso da participação de um atleta em filme ou de uma personalidade ou de uma modalidade que esteja no conteúdo de um livro. A informação jornalística é sempre respeitada como um relato que acrescenta algo ao público.

A pesquisa é elaborada de forma rápida e perceptiva. Em poucos minutos, o repórter consegue recolher as informações necessárias para a sua matéria. É importante ter um banco de dados sobre determinado assunto. O conteúdo do arquivo é composto por um resumo do assunto, matérias já publicadas em outros meios de comunicação, endereços de *sites*, principais fontes (pessoas ligadas ao tema com endereço, fone, *fax*, *e-mail* para contato), títulos de obras já produzidas (livros, peças de teatro, filmes, fotografias, etc.), entre outras informações.



ENTREVISTA

A fase de coleta de dados para a reportagem chega ao ponto crucial com a elaboração das entrevistas. Elas servem para buscar informações complementares ao fato, justificar os dados e humanizar a matéria. Os entrevistados são as personagens da narrativa, porque os fatos estão condicionados à participação deles no desenrolar da história. Sem eles, a reportagem perde o teor jornalístico. Os entrevistados são escolhidos conforme o grau de envolvimento com o acontecimento e seus depoimentos são interpretados pelo jornalista.

A escolha dos entrevistados é o momento mais delicado da reportagem esportiva. Em uma competição, seria normal entrevistar os atletas envolvidos e recolher respostas dos competidores. A matéria estaria pronta com o informe do torneio e dos envolvidos nele, mas cabe ao jornalista perceber que, no esporte, uma disputa envolve personagens que nem sempre estão competindo, como é o caso da comissão técnica, árbitros, dirigentes dos clubes e das federações, torcedores e a própria imprensa. Os profissionais de outras áreas também são entrevistados para dimensionar o trabalho dos profissionais que atuam no esporte, como da área de saúde, direito, administração etc.

Os competidores são as principais personagens da competição e para entrevistá-los o repórter precisa conhecer os principais detalhes da carreira daquele atleta. Algumas virtudes, como a altura ou a velocidade, o local de treinamento ou se a torcida está a favor, são pontos que o jornalista pode explorar durante a entrevista. Antes, durante e depois da competição, aquele detalhe é o referencial para a cobertura. Se outro fato acontece, o jornalista condiciona a matéria ao novo aspecto, mas é primordial ter um referencial, porque é aquele fundamento que o atleta



vai explorar durante a competição. Se ele falhar, pode ser o fator da derrota; mas, se acertar, pode ser o início de uma vitória. As perguntas são colocadas de acordo com a competição e entre os competidores, porque cada um, mesmo em competições coletivas, tem um diferencial que o destaca no universo esportivo.

A preparação física é um elemento que interfere diretamente no resultado de uma competição. Uma série de resultados negativos de um atleta pode estar ligada à sua condição física. Uma contusão séria e ainda em fase de tratamento, o retorno antecipado de uma contusão, alimentação desbalanceada, preparação física inadequada, dificuldade de adaptação ao local da competição (clima, altitude etc.), entre outros fatores, interferem na performance do atleta. O jornalista esportivo precisa estar atento aos últimos resultados conseguidos pelo atleta e interpretar se aquele competidor (ou equipe) possui realmente condições de vitória. Dessa forma constrói-se, para o público, um aspecto real da disputa, eliminando uma falsa expectativa diante do resultado.

O jornalista despreparado envolve o público na disputa e mostra os competidores como iguais. A expectativa da vitória é para todos (apesar de o acaso ser uma das características do esporte), mas ela também causa a decepção. O dever do jornalista é levar as informações ao público e deixar que ele as interprete. Caso o atleta esteja preparado, é importante colocar essas virtudes, assim como os problemas pelos quais passou.



Fotos Internet

Da Editora Bloch, *Manchete Esportiva* circulou de 1955 a 1959.



O perigo está em esconder do público algumas informações ou detalhes que poderiam ser ditos antes do resultado final. Um atleta que obteve resultados negativos durante o ano tem menos possibilidades de vencer uma competição, ao contrário de



Foto Internet

Revista do Esporte:
famosa na década de 60.

um atleta com resultados positivos e que não apresentou nenhum problema físico durante o calendário. O jornalista esportivo passa a armar um cenário das competições, com as personagens sendo construídas por meio de fatos. As perguntas são elaboradas de acordo com o universo vivido pelo atleta. A questão escolhida é que vai dimensionar o momento do atleta e suas reais chances numa competição esportiva.

Assim como o aspecto físico, o emocional também pode interferir na performance do atleta e o jornalista deve tomar cuidado com este fator. Problemas pessoais apenas serão explorados fora dos torneios porque já existe um desconforto do competidor diante do fato e sua concentração pode ser prejudicada. Casos como envolvimento na justiça ou problemas de saúde com o atleta ou a família interferem na notícia e podem criar comoção ou mesmo uma falsa interpretação em relação ao noticiário. Evitar o sensacionalismo na informação é importante para a cobertura esportiva. Pode ser até interessante citar o fato, mas não explorá-lo intensivamente, principalmente com uma série de perguntas sobre o problema, fazendo com que o público fique muito mais interessado na vida do atleta do que em sua performance durante a competição.

A comissão técnica é a equipe de apoio e, geralmente, é dela que



o repórter vai conseguir informações sobre a condição de cada um para a competição. Um atleta lesionado, fora de forma ou mesmo com algum problema psicológico é um dado esclarecedor para o público, assim como se ele está evoluindo em algum aspecto ou se atingiu a condição física e psicológica ideal. A tática da comissão técnica para uma competição, como a escalação, os meios de preparação (alimentação, concentração, altitude etc.) e as informações sobre outros atletas, são alguns dos fatores que podem influenciar o resultado.

O repórter deve observar, em primeiro lugar, se os competidores dispõem de uma comissão técnica adequada para uma disputa. Muitas vezes, os clubes ou atletas não têm nem comissão técnica, como um profissional de Educação Física, um médico, um fisiologista, um nutricionista, um fisioterapeuta, um psicólogo, um enfermeiro do esporte. No mínimo, o repórter deve observar se alguém da equipe técnica tem formação em Educação Física; caso contrário, é necessário destacar que a preparação do atleta foi deficiente e sua performance não é a ideal. Se mesmo assim o atleta conseguir algum resultado positivo, é importante destacar seu talento, mesmo sem as condições ideais. O repórter deve dirigir-se ao responsável pela equipe (geralmente é o treinador) e perguntar a ele e também ao atleta se o trabalho de determinado profissional complementaria o treinamento.

Outro fator que pode interferir no resultado e deve ser informado ao público é se a comissão técnica elaborou planejamento para uma competição. O repórter, desde o noticiário, precisa ob-





servar as fases de treinamento e, com perguntas relacionadas aos atletas ou clubes, elaborar um questionário de perguntas relacionadas à preparação. O período de treinamento em relação a uma disputa (a quantidade de dias para preparação tática, técnica e física), o local de preparação adequado ou com poucas condições de uso (campos ou ginásios esburacados ou com grama alta, entre outros), a concentração (se o atleta tem como se comunicar com os familiares ou se o dormitório é confortável), a alimentação balanceada, o vestuário (calçados, uniformes...), o transporte ideal para a distância (ônibus, avião, trem...) são pontos que podem ser explorados já que determinam as condições mínimas para um ser humano que se dedica exclusivamente ao desporto.

As estatísticas dos atletas também auxiliam na preparação porque determinam os elementos de instabilidade do atleta ou da equipe. O jornalista esportivo pode ilustrar a reportagem com números, como os principais fundamentos utilizados durante a competição ou no decorrer da carreira, além dos pontos fracos que são e podem ser explorados pelos adversários.

Os integrantes da comissão técnica, especialmente os treinadores, têm a tradição de omitir da imprensa a tática que vai ser utilizada numa competição. “Esconder o jogo” é um artifício para surpreender o adversário. O jornalista tem de respeitar a decisão da comissão técnica, mas com as informações dos últimos esquemas táticos explorados nas competições é possível determinar o elemento surpresa e os elementos que serão utilizados pelos concorrentes. As perguntas são elaboradas de acordo

Os integrantes da comissão técnica, especialmente os treinadores, têm a tradição de omitir da imprensa a tática que vai ser utilizada numa competição. “Esconder o jogo” é um artifício para surpreender o adversário. O jornalista tem de respeitar a decisão da comissão técnica, mas com as informações dos últimos esquemas táticos explorados nas competições é possível determinar o elemento surpresa e os elementos que serão utilizados pelos concorrentes. As perguntas são elaboradas de acordo



com as características de cada um, os pontos fortes e os defeitos. A velocidade, a altura, a força, entre outros, são elementos primordiais para uma competição individual. Já no coletivo, é possível também alertar sobre a força do conjunto de uma equipe. Se ela joga ou treina há algum tempo com os mesmos atletas e com a mesma comissão técnica, o estilo de jogo já está predefinido; mas se a equipe troca muito de comissão técnica e de atletas, sua característica é uma surpresa, valendo muito mais o valor individual do que o coletivo.

A arbitragem é o elemento decisivo no decorrer de uma disputa. Um erro pode prejudicar o trabalho de um ano inteiro, mas torna-se parcial e antiético por parte do jornalista julgar um árbitro por uma falha durante o jogo. O público tem o direito de saber o porquê do erro, como forma de esclarecimento, mas jogar o torcedor contra o juiz é perigoso. Outra falha é ficar explorando o erro passado de um árbitro. Se ele errou numa disputa anterior, não quer dizer que vá errar agora. O trabalho jornalístico visa informar sobre quais as condições de cada árbitro para dirigir uma disputa, ou seja, a condição física (se está bem preparado e no peso ideal) e técnica (se o juiz conhece as regras, se tem a bagagem ideal para conduzir uma disputa (pelo número de competições que participou e está participando), se possui curso de Educação Física ou algum curso oficial etc..

As entrevistas com árbitros são complexas, pois muitos não admitem interferência em seu trabalho, mas o jornalista deve insistir nas aplicações das regras e na ética do esporte como um todo. Um árbitro polêmico que geralmente cria confusão é um exemplo. Justamente por desprezar as regras ou desejar ser o centro das aten-



Foto Internet



ções, ele acaba sendo alvo dos jornalistas que exploram seus erros e exageros. A insistência do repórter em polemizar a figura de determinado árbitro desvia a atenção do público para a arbitragem, que sempre acaba julgando previamente aquele juiz e, assim, qualquer erro será motivo de taxação e polêmica. A preparação do árbitro e a aplicação das regras continuam sendo o mais importante em



uma notícia esportiva. Cabe ao repórter explorá-las ao noticiário por meio de entrevistas com os árbitros, a comissão de arbitragem, as federações, os profissionais de Educação Física e os especialistas em arbitragem, como ex-árbitros e professores.

Os depoimentos coletados dos dirigentes, os chamados *cartolas*, são motivados pela necessidade do jornalista de obter informações extras para sua matéria. Os investimentos nos atletas ou nos clubes por intermédio de contratações, dispensas, benefícios e punição de pessoal (comissão técnica, atleta e demais funcionários) ou mesmo na parte física (reformas nas instalações do clube e aquisição de equipamentos) são determinantes para que o jornalista perceba se a agremiação está se preparando para a competição em que está inscrita. O jornalista pergunta sobre as condições dos atletas e das equipes para a disputa, conforme o investimento.

Os regulamentos também estão condicionados aos dirigentes. O jornalista avalia, anteriormente, o regulamento e seleciona os pontos duvidosos antes de questionar os cartolas. Se, mesmo assim, algum artigo continuar obscuro, o jornalista deve procurar um especialista em legislação desportiva e continuar confrontando suas dúvidas com os dirigentes. O jornalista deve mostrar os pontos





duvidosos e esclarecer o que pode acontecer na competição com a opinião dos dirigentes e dos juristas.

Os torcedores, ou aqueles que participam diretamente de treinos e jogos, são figuras participantes da cobertura jornalística. Toda a informação transmitida pelo repórter vai ser confrontada com a atuação dos competidores. Se a performance for diferente da informação, o jornalista pode criar um elo de frustração diante da expectativa do torcedor. O jornalista transmite as informações que realmente podem interferir durante o desenvolvimento de um torneio.

O público fica então precavido sobre a real possibilidade de vitória. A responsabilidade do jornalista é grande, pois o torcedor fica, muitas vezes, condicionado por aquilo que o repórter transmite. O jornalista vai preparado para a entrevista porque sabe quais são os argumentos dos torcedores. Se uma equipe está com seu principal jogador suspenso ou se um atleta vem de sucessivas derrotas, o torcedor pode predeterminar uma fraca atuação por determinados motivos, mas se o jornalista deixou de informar sobre os acontecimentos, os torcedores irão trabalhar com outros referenciais.

A participação dos torcedores é fundamental para a performance do atleta, principalmente, quando o este está atuando próximo de



sua torcida ou na cidade natal. Outro ponto é quando os resultados anteriores foram positivos ou negativos. Uma seqüência de vitórias ou derrotas aumenta ou diminui a ansiedade do torcedor por um resultado positivo.

O comparecimento dos torcedores ao local de competição tam-

bém interfere. Um estádio lotado traduz a confiança da torcida num bom espetáculo ou num resultado positivo, mas o estádio vazio significa o desinteresse por aquele jogo. O jornalista observa os fatos e questiona o espectador acerca das dúvidas que ele tem sobre os atletas e equipes e quais os pontos positivos que atribui à possibilidade de vitória. Este acaba mostrando o quanto o torcedor está informado, mesmo sendo o esporte um espetáculo de entretenimento.

Numa cobertura jornalística, os profissionais de Imprensa tornam-se também fontes. O trabalho de alguns especialistas, mesmo de outros meios de comunicação, é benéfico para a captação de informações. Muitas vezes, os colegas de profissão apresentam um conhecimento maior sobre determinado assunto, seja este uma equipe, um atleta ou uma competi-

ção. A opinião deles torna-se necessária para complementar uma notícia. Além disso, o profissional de Comunicação é uma fonte com credibilidade junto ao público. A preocupação do jornalista deve ser escolher um profissional que seja especialista no assunto e não apenas um amigo ou colega. As perguntas precisam ater-se somente ao tema da matéria. A intimidade e a discussão sobre jorna-

Fotos Internet



lismo são então deixadas de lado, pois o tema é esporte e não o jornalista. A pauta deve ser conduzida com precisão, sem preservar nem ferir o colega, mas com clareza dos fatos. Não são dois colegas conversando sobre esportes, mas um diálogo entre dois profissionais sobre um tema esportivo.

Os especialistas são profissionais das mais variadas áreas do conhecimento (humanas, exatas e biológicas) e seus depoimentos auxiliam no esclarecimento de determinado assunto que não ficou claro para o jornalista. O depoimento de determinados profissionais serve também para o repórter desvincular-se das fontes oficiais ou daquelas que estão totalmente envolvidas com o fato. Uma informação nova é importante para complementar a matéria e desvendar dúvidas que podem prejudicar a interpretação do público.

Se o repórter tiver uma dúvida sobre o regulamento de um torneio, torna-se necessário o depoimento de um advogado especializado em Direito Esportivo. A opinião de um médico é importante no caso da cirurgia que afastará um atleta de determinada competição. Um matemático é necessário no caso da pontuação em torneios que podem determinar a classificação de uma equipe ou atleta. Na reforma de um estádio ou de um complexo esportivo, o engenheiro civil e o arquiteto são fontes com credibilidade. O especialista é o elemento que vai proporcionar um possível esclarecimento extra-oficial sobre o fato. Os depoimentos de profissionais vinculados às fontes oficiais, que fazem parte da notícia, são necessários, mas o fato de possuir vínculo com a fonte torna sua opinião parcial. Dessa forma, a opinião de um outro perito no assunto pode ampliar a informação e ajudar o público na interpretação de determinado fato.

Os especialistas auxiliam na compreensão de pontos diretamente ligados ao esporte, principalmente a Educação Física, o Direito,



a Farmácia e a Medicina. Na competição, o profissional de Educação Física trabalha como um consultor de esportes que vai ampliar a visão do público, e também do repórter, sobre o evento, já que possui um conhecimento determinante para a compreensão básica

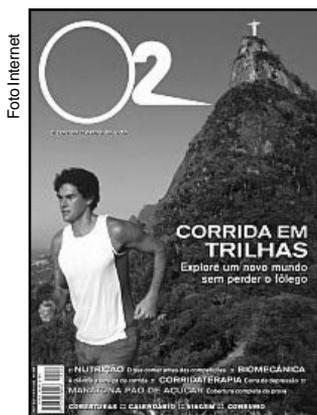


Foto Internet

dos aspectos físicos, táticos e técnicos da equipe ou atleta, além de esclarecer as regras do torneio e as reais possibilidades de cada um. O mesmo pode ser observado com os outros profissionais: no Direito, o aspecto jurídico, como a legislação desportiva e os regulamentos; na Farmácia e na Nutrição, os componentes das substâncias ingeridas pelos atletas, como medicamentos e nutrientes; na Medicina, problemas relacionados à saúde do atleta; e assim por diante. Os especialistas participam da reportagem indiretamente, para esclarecer dúvidas.

Com eles, o repórter elimina lacunas que podem complicar o entendimento do noticiário esportivo pelo público.

Todas as pessoas envolvidas de forma direta ou indireta na notícia são fontes de consulta para o repórter esportivo. O jornalista escolhe os entrevistados que podem contribuir para o esclarecimento dos fatos. Sempre haverá rivais numa disputa, seja ela individual ou coletiva. O repórter deve mesclar todos os competidores, mostrando as chances de cada um na competição. A entrevista com diversos profissionais serve para ilustrar o que prejudica ou contribui para a performance do atleta, sejam esses dados condicionados ao aspecto físico, tático, técnico, político ou estrutural.

As perguntas devem ser sempre abertas, diretamente relacionadas ao assunto, mas sempre apresentando a possibilidade de um diálogo entre a fonte e o jornalista como forma de adquirir dados



para esclarecer a importância de um fato esportivo, sem privilegiar um ou outro competidor, mesmo sendo ele favorito numa disputa. Com a pesquisa e as entrevistas realizadas, o jornalista esportivo parte para a fase decisiva da seleção dos dados que vai possibilitar a construção da reportagem.

SELEÇÃO DE DADOS E ELABORAÇÃO DO TEXTO

Após a coleta dos dados, com a pesquisa e as entrevistas, o jornalista seleciona as principais informações para a elaboração do texto. A primeira informação é aquela que vai direcionar o texto e nela o jornalista esportivo opta pelo último acontecimento ou aquele que interferiu diretamente no desenvolvimento do fato. A contusão de um atleta, uma suspensão pela federação ou a convocação para uma seleção (seja do país ou para algum evento esportivo) são acontecimentos que podem influenciar na performance de um competidor. O jornalista coloca o fato em destaque no início da matéria por ser o ponto de referência.



Outros fatores que podem interferir na performance do atleta são as últimas campanhas, o mando de jogo modificado, chuvas de última hora, o favoritismo para uma conquista, a rivalidade dos adversários, entre outros. São muitas as intervenções no desenrolar de uma competição e seria difícil listar todas, mas o jornalista que cobre o cotidiano do esporte tem de estar atento aos últimos acontecimentos que envolveram uma disputa. Inicia-se o texto com o



fato que está mais próximo do público, porque é essa informação que modificou por último a rotina dos fatos e tem uma probabilidade maior de influenciar no andamento de uma competição.

Ao detectar qual será a abordagem principal, o jornalista parte para a informação direta sobre a competição, com dados ligados diretamente a ela. São talvez os dados mais fáceis de coletar e os que merecem maior atenção. Um erro no horário, no local da competição, no preço dos ingressos, na escalação de uma equipe (incluindo comissão técnica e dirigentes), no nome dos atletas, da comissão técnica, dirigentes, árbitros, na classificação do campeonato, entre outras falhas, acarretam uma falta gravíssima porque o público compra aquela informação como prestação de serviços e vai se orientar por ela.

As informações checadas com as fontes oficiais, como organizadores e competidores, são as mais confiáveis, e as que devem ser selecionadas. O repórter deve tomar cuidado em se pautar pelos dados recolhidos de outros meios de comunicação, por não serem fontes oficiais nem da competição, nem dos atletas nem dos clubes. A errata é injustificável neste caso porque a fonte consultada não foi a ideal e não tinha credibilidade para a mensagem.

O enfoque inicial vai direcionar o texto e seu desenvolvimento é o componente principal nesse momento de elaboração. Trabalha-se aqui um esclarecimento sobre o último fato que interferiu na disputa. É um momento da atualidade, com as notícias mais recentes sobre aquele acontecimento. O jornalista esportivo pode ter diversos dados, desde fontes documentais a entrevistas indiretas (tipo fone ou *e-mail*), mas sua função é de interagir essas informações com o trabalho de campo. O repórter deve selecionar os dados que recolheu no local de treino ou no local da competição ou ainda com entrevistas realizadas diretamente com os envolvidos e complementar



com os dados que já tem. Assim, ele pode perceber alguns fatores que interferiram diretamente no acontecimento. A informação principal ou a última notícia é captada e transmitida por aquele repórter que esteve realmente envolvido com o fato.

O erro em captar a informação apenas pela pesquisa e pela entrevista indireta é que o julgamento por parte do jornalista fica condicionado ao fato secundário ou à interpretação de terceiros. Sua participação como integrante do fato foi nula por estar ausente no processo de cobertura do acontecimento. A matéria fica condicionada ao depoimento das fontes que podem conduzir ou manipular a informação como queiram. A participação do repórter no local do fato é, no jornalismo esportivo, um elo de ligação entre o público e o evento, além de ser a demonstração de que os fatos estão sendo narrados de acordo com o ocorrido.

As entrevistas feitas no local facilitam a fase de coleta de dados. O diálogo direto do repórter com os envolvidos amplia e ilustra o trabalho de reportagem por causa da proximidade com os personagens. Além disso, o repórter torna-se testemunha do fato, por estar presente no local. A entrevista de campo traz consigo a complexidade das relações na cobertura esportiva e na construção da notícia. Nada como sentir o ambiente, de estar cara a cara com o entrevistado, de observar o seu comportamento diante das questões que são colocadas na hora pelo entrevistador, que, ao perceber o momento crítico, coloca uma questão fora da pauta. A ruptura da comunicação interpessoal é um perigo para a própria profissão, pois elimina a complexidade da entrevista. O comunicador passa de sujeito para objeto.

Relacionar o entrevistado a determinado assunto não é função do público, mas sim do jornalista que tem a responsabilidade pela divulgação da matéria. O público acredita no jornalista, em suas



fontes e naquilo que está sendo divulgado. A participação direta do comunicador em uma entrevista torna-se essencial, pois ele é o representante do público diante do tema abordado. Uma pergunta bem colocada do jornalista instiga o público como se fosse ele o entrevistador. O jornalista esportivo, pela relação com o tema, está sempre em contato direto com o entrevistado, o que facilita a coleta de dados no local de treino ou da competição.

A fase de preparação, no caso de noticiários anteriores ao fato, e de performance, no caso da cobertura da competição, é o momento crucial dessa fase da reportagem no jornalismo esportivo. O repórter expõe ao público o que realmente aconteceu com os participantes e contextualiza, por meio de informações adicionais, o trabalho dos atletas, seja individual ou coletivamente. Tudo o que ocorreu durante a fase de preparação foi observado durante a competição. Uma preparação física inadequada ou uma contusão, por exemplo, com certeza influenciaram a performance do atleta durante o torneio. O jornalista esteve atento a todas as fases e condicionou a performance do atleta ou da equipe à fase de preparação. Uma notícia transmitida pelo repórter esportivo começa, na verdade, muito antes da competição, ou seja, no primeiro dia de treinos.

Durante os noticiários, o jornalista esportivo transmite de forma direta como foi a preparação dos atletas para uma competição e os fatos que influenciaram essa fase do trabalho. O público é informado sobre a preparação física e sobre o desenvolvimento em campo nos treinamentos antes da disputa. As entrevistas realizadas com os atletas e a comissão técnica posicionam o público sobre o trabalho realizado no local de treinamento. Se algum fato anormal interferir no cotidiano dos treinamentos, o jornalista deve buscar esclarecê-lo com as pessoas responsáveis pelo ocorrido, sejam elas dirigentes, torcedores ou a imprensa, além da comissão técnica e



dos atletas. Caso necessário, como dissemos, busca o complemento com o depoimento de especialistas. O mesmo acontece para complementar, caso seja necessário, a informação diária.

Já durante a disputa, o jornalista relata os acontecimentos conforme a seqüência de lances ocorridos durante a competição. A sensibilidade e o conhecimento do repórter são fundamentais porque depende dele a seleção dos fatos principais. O trabalho vai desde a chegada do atleta ao local, passa pela disputa e termina quando todos vão embora. O jornalista tem de estar atento a todos os fatos que ocorreram na disputa, destacando os principais em sua narração. O fato de um atleta ter o aquecimento prejudicado momentos antes da partida ou a desistência de um competidor, mesmo que não seja favorito, pode interferir no resultado final da competição. O mesmo acontece durante a disputa, quando um atleta desperdiça a chance de uma vitória por um erro de conclusão ou quando é penalizado pelos juízes. No final, destacam-se os vencedores e os derrotados, mas cabe ao jornalista condicionar o resultado à fase de preparação e também ao talento dos competidores, destacando o motivo que ocasionou a vitória ou derrota.

As entrevistas realizadas durante o evento devem ser colocadas conforme as fases do acontecimento, ou seja, antes, durante e depois da competição, respectivamente, pois a mistura das declarações pode ocasionar confusão diante da seqüência temporal do fato. A opinião principal sempre é a dos atletas, em seguida as da comissão técnica, dirigentes, torcedores e especialistas, a não ser que um deles venha a interferir diretamente no resultado, como no caso da interrupção de um torneio por causa de um dirigente que adentrou ao local da disputa. As entrevistas esclarecem sobre os atributos e as falhas dos trabalhos das equipes e dos atletas diante do resultado final.



O jornalista então mescla os fatos com os depoimentos, trabalhando-os em seqüência, sem deixar nenhuma dúvida sobre o que realmente aconteceu naquela competição. A reportagem deve ter uma ligação com os fatos passados que foram transmitidos em matérias anteriores a respeito da fase de preparação. O resultado final é mostrado pelo repórter como decorrente de uma série de fatores.

No final da matéria, o jornalista esportivo começa a trabalhar a próxima notícia, ou seja, o jogo posterior. Destaca o novo evento e alerta sobre as dificuldades e os atributos para a disputa. A contusão de um atleta é um problema a resolver e que pode atrapalhar a performance futura. A cobertura jornalística começa, novamente, com pesquisas e entrevistas, porque, muitas vezes, o próximo compromisso vai incluir diferentes competidores, torneios e fatos.

(*) Luciano Victor Barros Maluly é doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, mestre em Comunicação Social pela Umesp e graduado em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É docente da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), da Universidade Anhembi-Morumbi (UAM) e da Universidade de São Paulo (USP).

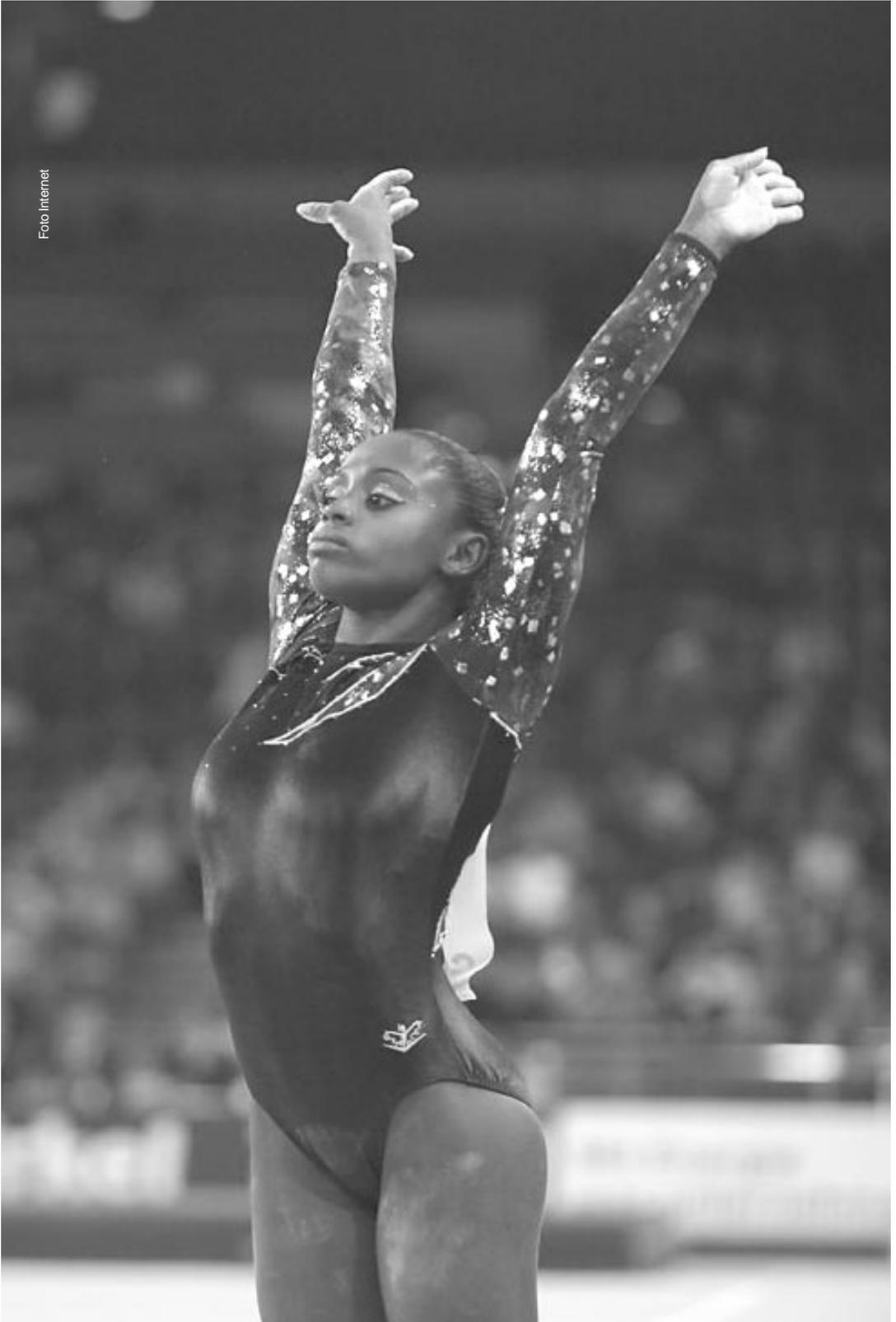


BIBLIOGRAFIA

- ALSINA, M. R. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós, 1989.
- BORIN, J. *A notícia e as suas versões, no espaço e no tempo dos grupos de pressão*. [Tese] São Paulo: ECA/USP, 1981.
- CASTAÑON RODRÍGUEZ, J. *El lenguaje periodístico del futbol*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones, Universidad, D. L. 1993.
- CHAPARRO, M. C. *Pragmática do jornalismo - buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus, 1994.
- DAMATTA, R.A. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- FONSECA, O. J. A. *O cartola e o jornalista – influência da política clubística no jornalismo esportivo*. [Tese] São Paulo: ECA/USP, 1981.
- HELAL, R. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HEIZER, T. *O jogo bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.
- HITCHCOCK, J. R. *Periodismo desportivo*. Santa Fé de Bogotá: Editorial Voluntad, 1993.
- HOHENBERG, J. *O jornalista profissional*. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981.
- KOVACH, B. & ROSENSTIEL, T. *Os elementos do jornalismo*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- KUNCZIK, M. *Conceitos de jornalismo: norte e sul - Manual de Comunicação*. São Paulo: Edusp, 2001.
- LAGE, N. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MEDINA, C. A. *Entrevista, diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986.
- MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MUNIZ, S. & FERRARI M. H. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- REBELO, A. & TORRES, S. *CBF/NIKE: As investigações da CPI do futebol na Câmara dos Deputados desvendam o lado oculto dos grandes negócios da cortolagem e passam a limpo o futebol brasileiro*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- SALDANHA, J. *Na boca do túnel*. Rio de Janeiro: Gol, 1968.
- TAMBUCCI, P. L.; OLIVEIRA, J. G. M. e SOBRINHO, J. C. *Esporte & jornalismo*. São Paulo: Cepeusp, 1997.
- TUCHMAN, G. *La producción de la noticia*. México: Gill, 1983.
- VAN DIJK, T. A. *La ciencia del texto*. Barcelona/Buenos Aires: Paidós, 1983.



Foto Internet



COMO COMPREENDER A ARTE DE DAIANE DOS SANTOS?

“O jornalismo esportivo tem um papel fundamental na troca de informações sobre o contexto olímpico de jogadores, atletas, dirigentes e patrocinadores.”

Wilton Garcia*

Há um corpo esplêndido solto no ar. Na imagem de um salto acrobático perfeito, a ginasta brasileira Daiane Garcia dos Santos dança com desenvoltura, audácia e coragem de uma forma corporal elástica. Seu ritmo alucinante de malabarismos frenéticos inscreve uma poética desportista, em que o corpo emerge-se como instrumento de resultados pontuais entre arte e esporte. A combinação de velocidade, agilidade, força e destreza rasgam o vento na performance magistral de Daiane. O movimento plástico do corpo atlético lançado ao ar (des)materializa-se ao tocar o solo, cujo percurso perfaz uma mobilidade claramente sedutora – corpo preparado.

A dinâmica deste trabalho objetiva tratar de mecanismos discursivos que ajudam a ampliar o conhecimento e a prática do jornalista e dos demais profissionais da área da comunicação diante da cobertura esportiva. Tomo como objeto de leitura a noção de corpo para nortear o instante preciso das marcações de Daiane dos Santos, que agracia o público/torcedor. As coordenadas entre corpo, esporte, jornalismo e mídia são circunstâncias operacionais, em que a notícia elabora diferentes transversalidades contextuais. Como pensar a reportagem em que o corpo destaca-se como arma esportiva? Nesta vertente, a matéria jornalística recorre ao corpo

esportivo da garota como uma mediação entre objeto e produto. Efetivamente, ela não atua, apenas realiza sua ginástica artística.

Os jogos Olímpicos de Atenas 2004 vieram demonstrar e coroar os melhores competidores do mundo. Os recordes foram prolongados, de acordo com as novidades que acompanham seu registro fidedigno. A cobertura jornalística completa deste evento pôde ser, cada vez mais, mensurada pela influência das novas tecnologias. Seja através da captação de imagens e sons com o uso de aparelhos digitais na imprensa escrita, no rádio ou na televisão ou, ainda, na imediata transmissão dos fatos, via internet e redes telemáticas. Precisão e instantaneidade da notícia são características produzidas pela qualidade dos avanços tecnológicos e digitais. A circulação da informação jornalística deve ponderar alguns fatores importantes, que desenham essa nova cultura contemporânea.

O trabalho da mídia neste evento pôde ajudar a apontar os erros, as falhas, os equívocos, que deveriam ser evitados. Cada matéria, cada comentário fez parte de uma profusão de debates e depoimentos que ajustavam as disputas. As entrevistas tornaram-se uma celebração discursiva à parte. O jornalismo esportivo tem um papel fundamental na troca de informações sobre o contexto olímpico de jogadores, atletas, dirigentes e patrocinadores. No âmbito das grandes marcas de incorporações mercadológicas, a técnica jornalística sobre a pauta, a matéria e a mensagem deve privilegiar a ética, bem como deve manter o grau máximo de flexibilidade sobre a transmissão da notícia.

Talvez na Grécia antiga fosse difícil imaginar um homem correndo na rua ou numa praça, durante duas ou mais horas, para cuidar do próprio corpo. Mas hoje, fazemos dos exercícios físicos nossa morada. A cultura do corpo saudável transversaliza a noção de competição para dar lugar a um discurso inflamado de possibilida-



des mercadológicas. Como pensar a reportagem em que o corpo destaca-se como arma esportiva? Nesta vertente, a matéria jornalística recorre ao corpo esportivo da garota Daiane dos Santos como uma mediação entre objeto e produto. Efetivamente, ela não atua, apenas realiza sua ginástica artística!

Deste modo, pergunto: É possível pensar algum esporte sem o uso do corpo? Qual seria a extensão dos predicativos e/ou traços para estabelecer, a elaboração de representações do corpo no esporte contemporâneo? E principalmente, é possível relatar um fato esportivo sem a representação do corpo?

Existe uma série de questões que problematizam, cada vez mais, a manifestação do corpo, principalmente no contemporâneo. Porém, na área esportiva, o corpo deixa de ser apenas uma imagem para ser provedor de resultados, pois o corpo da atleta é preparado para a competição e não necessariamente para uma simples exibição. Sua espetacularização midiática é fruto de resultados satisfatórios, em que a performance deve acusar bons aproveitamentos.

O jornalismo esportivo deve estar atento a essas nuances do corpo no esporte, assim como se observa os jogos olímpicos – um dos maiores eventos esportivos que formaliza a prática do esporte no mundo. Das manobras discursivas apontadas pelas técnicas do jornalismo, as estratégias de uma reportagem sobressaem aos diferentes percursos consensuais que enunciam os fatos. A história de Daiane dos Santos em Atenas 2004 teve um destaque fundamental para os observadores internacionais, pois estima-se que a qualidade de sua performance vale ouro!

Acredito que, é a partir dessas perspectivas contemporâneas sobre corpo e esporte que as escolas de comunicação devem preparar seus alunos como futuros profissionais para atuar no jornalismo. As habilidades jornalísticas (redação, reportagem, edição...) e



comunicacionais (transmissão, difusão, distribuição...) devem integrar um *corpus* de experiências flexíveis, que observem e (re)considerem as inquietações do esporte nas passagens de diferentes estilos de vida.



Emerson Fittipaldi comemora mais uma vitória no Grande Prêmio do Brasil de Fórmula 1. Foto *Jornal dos Sports*, 12/2/1973.

(*) Wilton Garcia é doutor em Comunicação e Estética do Audiovisual pela ECA/USP. Atualmente, desenvolve pós-doutorado no Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp. Organizou com Urbano Nojosa *Comunicação & Tecnologia* (Nojosa edições, 2003), entre outros.



BIBLIOGRAFIA

- CAILLOIS, Roger. *O jogo e os homens*. Lisboa: Cotovia, 1987.
- COSTA, Rogério da. *A cultura digital*. São Paulo: PubliFolha, 2002. (Folha Explica)
- GARCIA, Wilton. Cultura midiática: perspectivas contemporâneas. In: NOJOSA, Urbano e Wilton Garcia (Orgs.). *Comunicação & tecnologia*. São Paulo: Nojosa edições, 2003.
- _____. O corpo espetacularizado. In: LYRA, Bernadette e Wilton Garcia (Orgs.). *Corpo e Cultura*. São Paulo: Xamã-ECA/USP, 2001.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Corpo e forma – ensaios para uma crítica não-hermenêutica*. João Cezar de C. Rocha (Org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- KELL, Maria Rita. As máquinas falantes. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- LYRA, Bernadette e Wilton Garcia (Orgs.). *Corpo e imagem*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.
- LYRA, Bernadette. O corpo em agôn. In: LYRA, Bernadette e Wilton Garcia (Orgs.). *Corpo e cultura*. São Paulo: Xamã-ECA/USP, 2001.
- MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. Trad. Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- SANTAELLA, M. Lúcia. *Corpo e comunicação – sintomas da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. *Culturas e artes do pós-humano – da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.



Este livro foi composto em Garamond, corpo 12/16, abertura de capítulos em LiquidCristal, corpo 12, bold, títulos em LiquidCristal, corpo 18, bold, subtítulos em LiquidCristal, corpo 12, bold, legendas em Arial, corpo 8/9, e notas em Arial, bold, corpo 8/9. Miolo impresso em papel offset 90gr/m² e capa em cartão supremo 250gr/m², na Imprensa da Cidade, em setembro de 2004.

